



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA  
CATARINA

*Centro de Ciências da Educação*

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
BIBLIOTECONOMIA**



Francine Soares Vieira

**SEMIÓTICA PEIRCEANA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:  
abordagens na publicação brasileira**

Florianópolis  
2015

Francine Soares Vieira

**SEMIÓTICA PEIRCEANA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:  
abordagens na publicação brasileira**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
em Biblioteconomia, do Centro de Ciências da  
Educação da Universidade Federal de Santa  
Catarina, requisito parcial à obtenção do título de  
bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Ms. Camila Monteiro de Barros.

Florianópolis  
2015

Ficha Catalográfica elaborada por Francine Soares Vieira

V659s    Vieira, Francine Soares  
Semiótica peirceana na Ciência da Informação : abordagens na  
publicação brasileira / Francine Soares Vieira ; orientadora, Camila  
Monteiro de Barros Barros ; coorientadora, Lúgia Maria Arruda Café  
Café. - Florianópolis, SC, 2015.  
65 f. : il. ; 30 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)  
– Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da  
Educação, Florianópolis, 2015.

Semiótica. 2. Ciência da Informação. I. Título.

025.3

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

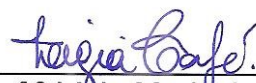
- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

Acadêmico: Francine Soares Vieira

Título: Semiótica peirceana na Ciência da Informação: abordagens na publicação brasileira.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Biblioteconomia, do Centro de Ciências  
da Educação da Universidade Federal de  
Santa Catarina, como requisito parcial à  
obtenção do título de Bacharel em  
Biblioteconomia, aprovado com nota  
10.

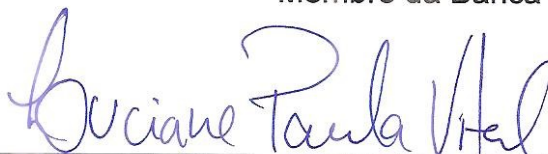
Florianópolis, 12 de Junho de 2015.



Prof.<sup>a</sup> Lígia Maria Arruda Café, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Presidente da banca examinadora em substituição  
à orientadora Prof.<sup>a</sup> Ms. Camila Monteiro de Barros



Renata Cardozo Padilha, Ms.  
Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Membro da Banca Examinadora



Prof.<sup>a</sup> Luciane Paula Vital, Ms.  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Membro da Banca Examinadora

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu Deus por todas as bênçãos, por ter me amado e sustentado em todo o tempo, renovando minhas forças para a conclusão de mais esta etapa da minha vida.

Aos meus pais, Jorge e Cristiane, pelo exemplo de caráter e dedicação, pela paciência, pelo apoio em todos os momentos difíceis, por terem sempre acreditado em mim, e pelo amor incondicional demonstrado durante toda minha vida.

À minha vó Judith por todo carinho.

Ao meu namorado, Marconi, pelo apoio, motivação, paciência e tranquilidade nos meus momentos de inquietude, empolgação e preocupação. Obrigada por ter acreditado em mim.

À professora orientadora Camila Monteiro de Barros, que mesmo estando distante, aceitou entrar comigo nesta jornada. Agradeço por todas as orientações, pela paciência e prontidão ao esclarecer minhas dúvidas, por todas as avaliações, atenção e carinho durante esta pesquisa.

À professora coorientadora Lígia Maria Arruda Café, pela disponibilidade, atenção e carinho sempre demonstrados.

Aos meus amigos, por terem entendido a minha ausência e por todo o apoio.

À minha grande amiga Taoana Cavalheiro, por todo amor, cuidado e paciência na confecção de todos os trabalhos e estudos. Por ter se mostrado uma verdadeira companheira de graduação, e por sempre ter sido um exemplo de mulher, aprendi muito com você. Cito também, minhas colegas de estágio, Kamilla Wundervald e Simoni Cardoso, obrigada pela companhia de todas as tardes, todo aprendizado, e todos os momentos, compartilhados. Aos demais amigos de turma, que durante 4 anos compartilhamos preocupações, alegrias, confusões e risadas, muitas risadas. Sempre lembrarei de todos com carinho.

Obrigada a todos que me apoiaram e torcem por mim.

*E a identidade de um homem consiste na  
consistência daquilo que faz e pensa.*

*Charles Sanders Peirce*

VIEIRA, Francine Soares. **Semiótica peirceana na Ciência da Informação:** abordagens na publicação brasileira. 2015. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

**Resumo:** A semiótica em sua matriz contemporânea, fundamentada por Charles Sanders Peirce, é concebida como a ciência que estuda os signos, significados e linguagens, apresentando capacidade de investigação de todo tipo de informação (sonora, verbal, imagética), e demonstrando assim o seu valor nas pesquisas referentes à Ciência da Informação. Assim, a pesquisa tem o objetivo de identificar as abordagens da semiótica peirceana na Ciência da Informação presentes nas publicações brasileiras. Para tanto, busca conhecer os principais conceitos da semiótica peirceana, levantar as publicações brasileiras da área da Ciência da Informação que abordam temáticas referentes à semiótica, e classificar as concepções que são discutidas nas publicações brasileiras da área da Ciência da Informação. Como sua metodologia, caracteriza-se como pesquisa qualitativa, exploratória, descritiva e bibliográfica. Foi realizado um levantamento bibliográfico na BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação, buscando por artigos que apresentaram em suas palavras-chave os termos “semiótica” e/ou “semiose”, ou nos resumos o termo “Peirce”. Para a categorização dos artigos, identificam-se os aspectos da semiótica e da CI que são abordados, adotando-se como critérios classificatórios da temática da semiótica os três ramos da semiótica de Peirce, e referente à temática da CI, a classificação JITA. Foi possível verificar que: a revista que mostrou o maior número de publicações recuperadas foi a Informação & Sociedade; 2006 e 2010 foram os anos com o maior número de artigos publicados; mais da metade dos artigos foram recuperados pela palavra chave semiótica, dada a abrangência dos seus estudos. Na análise da abordagem da Semiótica, observa que a maior parte dos artigos analisados foi categorizada no ramo da gramática especulativa, mostrando ser o segmento da semiótica mais abordado nos estudos da CI. E revela que dentre os artigos recuperados, as classes da JITA mais abordadas foram: I. Tratamento da informação para serviços de informação e B. Uso da informação e sociologia da informação. Conclui que a interdisciplinaridade da CI com a semiótica, nos artigos levantados, se deu principalmente nas áreas relacionadas à utilização da informação e o seu impacto na sociedade e à representação do conhecimento.

**Palavras-chave:** Semiótica. Ciência da Informação. Charles Sanders Peirce.

VIEIRA, Francine Soares. **Semiótica peirceana na Ciência da Informação: abordagens na publicação brasileira**. 2015. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

**Abstract:** Semiotics in its contemporary matrix, founded by Charles Sanders Peirce, is conceived as the science that study signs, meanings and languages, presenting investigative capacity of all kinds of information (noise, verbal, imagery), and shows its value in searches related to Information Science . Thus, this research aims to identify the semiotic approaches in Information Science present in Brazilian publications. Therefore, it seeks to know the principal concepts of Peirce's semiotics, examine brazilian publications in the field of Information Science that discuss themes related to semiotics, and rank the concepts that are discussed in brazilian publications in the field of Information Science. The methodology is characterized as qualitative, exploratory, descriptive and bibliographic research. It was conducted a bibliographic survey in the BRAPCI - Database of periodicals in Information Science - in articles that contained in the keywords the terms "semiotics" and/or "semiosis", or in the abstracts the term "Peirce". For the categorization of the articles, identified the aspects of the approach of the semiotics and the CI , adopting as classificatory criterions the three branches of Peirce's semiotics, and related to the tematic of CI, the classification JITA. Was possible verified that: The magazine that showed the highest number of retrieved publications was Information & Society. 2006 and 2010 was the years with the largest number with articles published; more than half of the articles were retrieved by the keyword 'semiotics', given the scope of their studies. In the analysis of semiotics approach, notes that the most part of the articles analyzed were categorized in the branch of the speculative grammar, showing that the segment of the most discussed semiotics in the studies of the CI. And reveal that among the recovered articles, the classes most discussed of JITA were: I-information treatment for information services e II-Use of Information and sociology of information. Concludes that the interdisciplinary of CI with the semiotics, in the survey articles, in the areas related to the use of information and its impact in society and in the representation of knowledge.

**Keywords:** Semiotics. Information Science. Charles Sanders Peirce.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Edifício filosófico peirceano .....	15
<b>Figura 2</b> - Diagrama de signo .....	19
<b>Figura 3</b> - Tricotomias de Peirce.....	21
<b>Figura 4</b> - Exemplo de subdivisão da classificação JITA.....	29
<b>Figura 5</b> - Principais pontos de interdisciplinaridade entre semiótica peirceana e organização da informação e do conhecimento .....	32

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Número de artigos recuperados por periódico .....	34
<b>Gráfico 2</b> – Número de artigos recuperados por ano .....	35
<b>Gráfico 3</b> – Número de artigos recuperados por critério de busca .....	36
<b>Gráfico 4</b> – Número de artigos distribuídos pelos ramos da semiótica.....	36
<b>Gráfico 5</b> – Classificação JITA .....	37
<b>Gráfico 6</b> – Outras abordagens da semiótica .....	40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	12
1.2 OBJETIVO GERAL .....	13
1.2.1 Objetivos Específicos .....	13
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>14</b>
2.1 INTRODUÇÃO ÀS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS DE PEIRCE .....	14
2.2 SEMIÓTICA PEIRCEANA .....	16
2.3 OS TRÊS RAMOS DA SEMIÓTICA PEIRCEANA .....	20
2.4 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (CI) E SUA INTERDISCIPLINARIDADE.....	24
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>31</b>
<b>4 RESULTADOS.....</b>	<b>34</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
<b>APENDICE A – DADOS COLETADOS .....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE C – CLASSIFICAÇÃO COMPLETA DOS ARTIGOS CATEGORIZADOS NA GRAMÁTICA ESPECULATIVA.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) se propõe prioritariamente a investigar os elementos relacionados à informação, desde a sua gênese até o seu acesso pelo usuário. Assim, a CI se apresenta como uma área de conhecimento científico com muitas facetas a serem abordadas, demonstrando um caráter interdisciplinar vasto, cruzando fronteiras entre disciplinas, aplicadas e teóricas.

Mediante a interdisciplinaridade da CI, que resgata o conhecimento de outras ciências para enriquecimento mútuo, Le Coadic (2004), menciona os principais campos do conhecimento que se apoiam nesta ciência, sendo estes: Psicologia, Linguística, Sociologia, Informática, Matemática, Lógica, Estatística, Eletrônica, Economia, Direito, Filosofia, Política e Telecomunicações. Mostafa, Lima e Maranon (1992, apud ALMEIDA, 2005), afirmam ainda que a Sociologia e a Psicologia são áreas do conhecimento em que a Ciência da Informação busca um referencial teórico e prático - do funcionalismo da sociologia à experimentação da psicologia - a fim de realizar suas descobertas. Almeida (2005) ainda explana que a interdisciplinaridade da CI se dá inclusive pela diversidade na formação dos profissionais, que buscam sanar seus problemas informacionais envolvendo cada vez mais diferentes áreas do conhecimento. Dentre estes vínculos que a CI estabelece, é destacada nesta pesquisa a semiótica, que em função da recente expansão dos seus estudos, tem adquirido um espaço significativo nas pesquisas que permeiam a Ciência da Informação (MOURA, 2006).

A semiótica apresenta-se dividida em três grandes escolas e abordagens. A primeira grande escola, originada na extinta União Soviética, representada por A. N. Viesse-lovski, A.A. Potiebniá e Iuri Lotman, tinha seus estudos baseados na estrutura linguística soviética. Estes estudos deram início à segunda escola, oriunda do estruturalismo francês, representada por Saussure, Greimas e Hjelmslev. A terceira escola por sua vez teve início nos estudos do filósofo e lógico norte-americano Charles Sanders Peirce, fundador dos princípios da semiótica contemporânea, concebida como a ciência de estudo dos signos (SANTAELLA, 2012).

Tendo como foco o estudo do significado, sua formação e elementos envolvidos, a semiótica aborda conceitos centrais para a CI como interpretação, significação, leitura entre outros. Releva-se neste contexto a questão de que o significado que a informação oferece a um indivíduo (usuário) é o que vai definir a forma como este vai buscar e recuperar a informação da qual necessita. Assim, sendo a semiótica uma ciência de estudo dos signos, significados e linguagens, percebe-se a relevância de uma pesquisa mais aprofundada do diálogo entre CI e semiótica, fazendo surgir a seguinte questão de pesquisa: “Quais são as abordagens da semiótica na Ciência da Informação presentes nas publicações brasileiras?”.

Logo, nesta pesquisa se propõe uma contextualização da semiótica peirceana, abordando seus principais elementos, conceitos e abordagens e uma breve demonstração da sua relação com a Ciência da Informação. Para tanto, pretende-se analisar a presença da semiótica particularmente nas publicações científicas brasileiras, buscando esboçar quais caminhos estes estudos tem tomado no país.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Tendo como foco o estudo da semiótica peirceana, o propósito desta pesquisa é compreender de que forma o conhecimento filosófico presente nesta ciência é inserido nos estudos da informação da CI. Primeiramente, destaca-se a escolha de direcionar esta pesquisa aos estudos de Peirce, visto que a sua concepção de signo possui caráter geral, sendo relacionado a qualquer tipo de informação (verbal, sonora, imagética), diferentemente das outras correntes de estudo da semiótica, que mantinham seu foco nas relações significativas da linguagem verbal. Outro ponto que difere a semiótica peirceana das demais é a sua capacidade de estudo de conceitos, significações e interpretações na perspectiva evolutiva do signo, de modo que nas matrizes soviética e francesa o estudo era atrelado à análise de processos isolados (ALMEIDA, 2009).

De modo a conectar todas as definições e explicitações que permeiam a CI à semiótica, Almeida (2005, p. 5) cita o compartilhamento de ideia entre Peirce e Auguste Comte (1798-1857), explicando que

[...] as ciências dependem umas das outras para se desenvolverem, ou seja, as ciências mais formais [no caso, a semiótica] transferem princípios e teorias para as ciências mais aplicadas e/ou específicas [no caso, a Ciência da Informação], enquanto que as ciências mais práticas dão objetos para a indagação e a investigação científica, realizadas pelas ciências teóricas.

Com o objetivo de mediar a informação, há campos científicos que se concentram em conhecer e investigar a linguagem para a organização de conceitos e conhecimentos. Desta forma, se dá todo o processo de tradução de signos, os quais são dispostos de modo a facilitar a aquisição de conhecimento, sendo esta a operação de maior destaque nos estudos da CI (ALMEIDA, 2011). Moreira (2007) relata ainda alguns comentários de Santaella, e confirma que o objeto imediato, de um fenômeno qualquer, trata-se propriamente de uma informação. Desta forma, “[...] a informação é um ingrediente do signo” (MOREIRA, 2007, p. 38).

A seguir serão apresentados os objetivos desta pesquisa.

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Identificar as abordagens da semiótica peirceana na Ciência da Informação presentes nas publicações brasileiras.

### 1.2.1 Objetivos Específicos

- a) Conhecer os principais conceitos da semiótica peirceana.
- b) Levantar as publicações brasileiras da área da Ciência da Informação que abordam temáticas da semiótica peirceana.
- c) Classificar as concepções da semiótica peirceana que são discutidas nas publicações brasileiras da área da Ciência da Informação.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

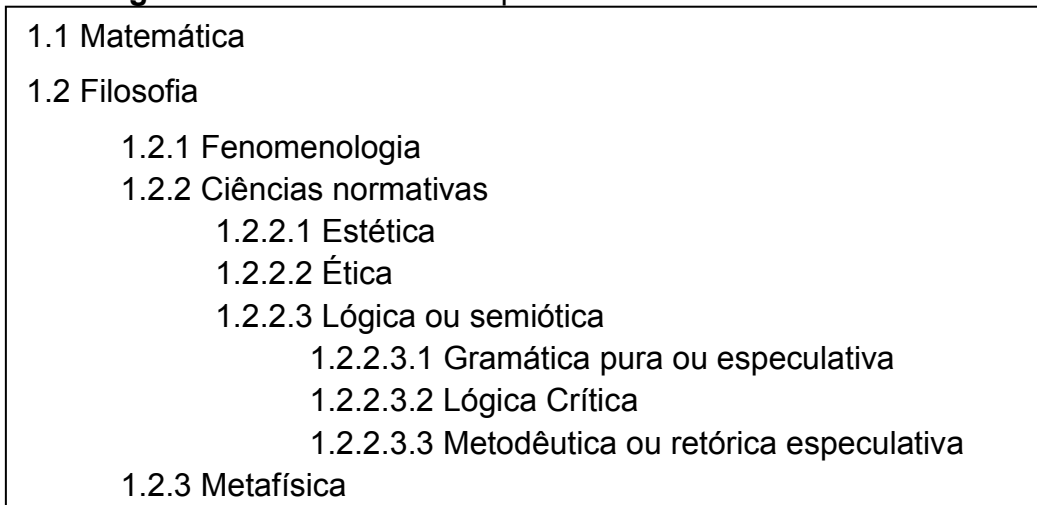
Apresentam-se aqui as definições e conceitos básicos da semiótica peirceana utilizados para fundamentar esta pesquisa, observando que, dada a extensão e profundidade dos estudos de Peirce, não é possível empreender uma explicitação completa desta ciência, mas apenas introdutória.

É dada abertura a este capítulo por meio de uma breve introdução à filosofia que dá sustento à teoria da semiótica peirceana. A seguir, são explicitados os principais elementos e correlatos do signo, e descritos os três grandes ramos da semiótica. Demonstra-se ainda, por meio da literatura, a presença da semiótica peirceana na Ciência da Informação, abordando as principais interdisciplinaridades de ambas ciências.

### 2.1 INTRODUÇÃO ÀS CATEGORIAS FENOMENOLÓGICAS DE PEIRCE

Em aproximadamente 1865, o lógico, matemático e filósofo, Charles Sanders Peirce, deu início à busca pela compreensão da lógica de todas as ciências existentes. Nesta busca, Peirce apresentou uma classificação das ciências exposta da seguinte maneira: 1) ciências da descoberta (matemática, filosofia e ciências especiais), 2) as ciências da digestão (as que digerem e divulgam essas descobertas, criando uma nova filosofia da ciência) e 3) as ciências aplicadas (SANTAELLA, 2012).

Ao investigar particularmente a filosofia como ciência, Peirce elabora sua arquitetura filosófica do seguinte modo:

**Figura 1** - Edifício filosófico peirceano

Fonte: SANTAELLA (2009, p. 34).

Dada a estrutura, percebe-se que apenas a matemática é uma ciência mais geral que a filosofia, sendo a sua primeira matriz denominada “fenomenologia”. A fenomenologia é definida por Peirce como uma análise de todas as experiências que se encontram em aberto ao homem, durante nosso cotidiano, considerando como fenômeno, tudo aquilo que nos aparece à mente (SANTAELLA, 2012).

Com base na fenomenologia, estudada como uma doutrina de categorizações que objetivam analisar todas as experiências, organizando-as ordenadamente e recolocando-as em processo, Peirce formulou em seu artigo inicial “Sobre uma nova lista de categorias” (1867), três categorias universais de toda experiência e pensamento. Considerando por experiência tudo aquilo que se força sobre nós, e é submetido ao nosso reconhecimento, Peirce conclui que tudo que nos aparece à consciência, ocorre com relação a três categorias/elementos comuns a toda e qualquer experiência (SANTAELLA, 2012). Estas categorias foram denominadas Primeiridade (qualidade), Secundidade (reação) e Terceiridade (mediação).

A primeiridade é a qualidade como sentimento. É basicamente o imediatismo da consciência assim como ela é, a primeira percepção de algo, nada além de uma pura qualidade de sentir, indivisível e sem análises. É o sentir fresco, novo, iniciante, precedente de qualquer síntese, e não pode ser pensado (se pensado, perde o caráter de sentimento). Santaella (2009) descreve a primeiridade como: começo, acaso, indeterminação, possibilidade, indefinição, originalidade, espontaneidade, frescor e imediatez. Nöth (1995, p. 63) menciona a concepção de Peirce, que a



descreve como “o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer”. Para ilustrar uma situação em primeiridade, pode-se citar o “azul”, cor simples e positiva, o primeiro, sem associação a nada.

A secundidade é associada à reação, à existência de fatores externos ao pensamento. Assim como a primeiridade é apenas um componente do fenômeno, uma condição para sua subsistência é a necessidade de estar incorporada em uma matéria, o que resulta a secundidade. Segundo Nöth (1995, p. 64), relatando o pensamento de Peirce, a secundidade tem início quando “um fenômeno primeiro é relacionado a um segundo fenômeno qualquer”. É o momento da comparação, da reação, do fato, da realidade e da experiência localizados no tempo e no espaço. Para exemplificar um momento em secundidade, utilizando em sequência do mesmo exemplo exposto anteriormente, o céu e o mar, como tempo e espaço, são onde o azul se corporifica.

A terceiridade tem a função de mediação, em que se relaciona um fenômeno segundo a um terceiro. É a representação e tradução de um objeto por outra representação. Peirce a define como a categoria da memória, da lei, da continuidade, da síntese, da comunicação e da representação (NÖTH, 1995). A terceiridade é a “consciência sintética, reunindo tempo, sentido de aprendizado e pensamento” (PEIRCE, 1995, p.14). É correspondente à camada de inteligibilidade, elaboração cognitiva ou pensamento em signos, pela qual é possível representarmos e interpretarmos o mundo (SANTAELLA, 2012). Para esclarecer uma conjuntura em terceiridade, utilizando ainda do exemplo anterior, o azul antes percebido isolado, agora é representado como o azul do céu, ou o azul do mar. Esta interpretação é originada da síntese intelectual, e da representação dos fenômenos na consciência humana.

## 2.2 SEMIÓTICA PEIRCEANA

No tocante à posição da semiótica, Peirce (1995, p. 29), explica inicialmente sua percepção de “lógica”, definida como “a ciência das leis necessárias gerais dos Signos e, especialmente, dos Símbolos”, sendo assim a lógica tida como sinônimo de semiótica.

A semiótica peirceana, concebida como Lógica, não se confunde com uma ciência aplicada. O esforço de Peirce era o de configurar conceitos sógnicos tão gerais que pudessem servir de alicerce a **qualquer ciência aplicada**. (SANTAELLA, 2012, p. 85, grifo nosso)

Notada a dimensão na qual Peirce procurou desenvolver a semiótica, a mesma não pode ser traduzida por apenas uma definição. Santaella (2012) explica este caráter dinâmico usando como exemplo o estado nascente de algo, costumando ser frágil e delicado, apresentando inúmeras possibilidades para crescimento, justamente o caso da semiótica, um território do saber e do conhecimento ainda não sedimentado, com indagações e investigações ainda em progresso.

A palavra semiótica, originada da raiz grega *semeion*, que quer dizer *signo*, é chamada Ciência dos Signos, ou ainda a ciência de todas as linguagens. Nöth (1995, p. 16) a descreve como “a ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura”. Já Santaella (2012, p. 19), a relata como

[...] a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido.

A semiótica é uma ciência voltada para o estudo “de todos os possíveis tipos de signos, seus modos de significação, de denotação e de informação, e o todo de seus comportamentos e propriedades, na medida em que não são acidentais” (MS 634<sup>1</sup>, apud Santaella, 2009, p. 39). Quanto à sua abrangência, Santaella (2012, p. 20) é categórica ao afirmar que

Seu campo de indagação é tão vasto que chega a cobrir o que chamamos de vida, visto que, desde a descoberta da estrutura química do código genético, nos anos 50, aquilo que chamamos de vida não é senão uma espécie de linguagem [...].

Acrescenta ainda que como espécie animal tão complexa que somos, constituímos-nos como seres de linguagens, nos comunicando e orientando através de “[...] imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes, [...], objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar”

---

<sup>1</sup> *Manuscritos inéditos*. Referidos pelos estudiosos de Peirce como MS; o número em seguida à sigla refere-se à numeração do manuscrito, segundo a paginação estabelecida pelo Institute for Studies in Pragmaticism, Lubbock, Texas.

(SANTAELLA, 2012, p. 14). Desta forma, a semiótica se apresenta como uma ciência geral, e se fundamenta em conceitos igualmente gerais, aplicáveis a qualquer fenômeno.

Para aprofundar a compreensão da semiótica, é necessário discorrer a respeito dos correlatos que compõem o processo de semiose, isto é, o processo de significação: signo, objeto e interpretante. A natureza de um signo, ou *representamen*, se dá pela relação triádica entre signo, objeto, interpretante. Para uma melhor compreensão do que é de fato cada um destes correlatos e representações, são expostos nesta seção as principais definições e relações entre os mesmos.

Peirce trata o signo como “[...] uma coisa que representa uma outra coisa: seu **objeto**. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele” (SANTAELLA, 2012, p. 90, grifo nosso), porém, enfatiza-se que o signo não é o objeto propriamente dito, ele apenas o representa. Nöth (1995) acrescenta que um signo não é uma classe de objetos, mas sim, a função de um objeto no processo da semiose, e ainda explica que sua interpretação é um processo dinâmico na mente do receptor. Desta maneira, conclui-se que um signo pretende principalmente representar, em parte, um objeto, que é o determinante de existência do signo. Tudo é/pode funcionar como um signo. Moura (2010, p. 328) afirma que “Estar no mundo, a não ser que estejamos privados dos cinco sentidos que nos permitem percebê-los, é uma experiência que se dá por meio de signos”, seja o cheiro de uma comida que lembra o horário do almoço, o gosto de um doce que traz lembranças, o som que avisa à mãe que o bebê acordou, o toque gelado em um copo de refrigerante num dia de calor, a imagem do anúncio de um novo filme, “tudo o que traz à nossa mente o mundo, que representa a realidade externa, é signo” (MOURA, 2010, p. 328).

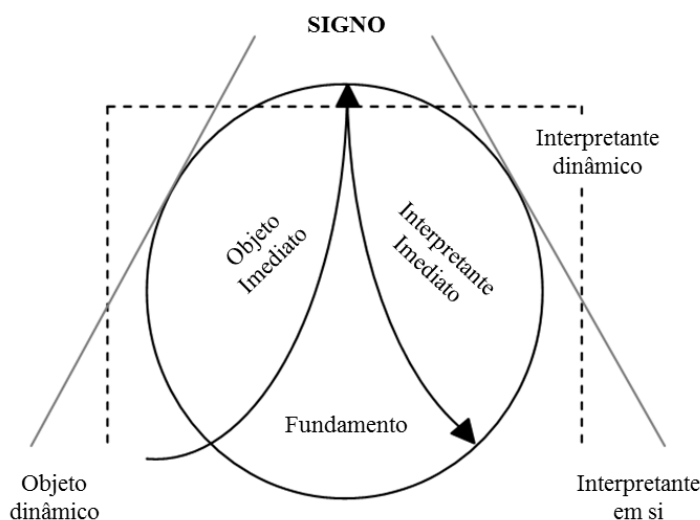
Quanto à interpretação do objeto do signo, Santaella (2012, p. 14), explica que “[...] dizer que ele (o signo) representa seu objeto, implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatemente devido ao objeto [...]”, logo, esta determinação resultada da representação do objeto pelo signo é chamada **interpretante**. Assim, conclui-se que a existência de um signo já inclui implicitamente a existência do objeto e do interpretante, ainda que de forma apenas possível, isto é, uma possibilidade de interpretação de acordo com a experiência do indivíduo.

O signo está numa relação a três termos que sua ação pode ser bilateral: de um lado, representa o que está fora dele, seu objeto, e de outro lado, dirige-se para alguém em cuja mente se processará sua remessa para um outro signo ou pensamento onde seu sentido se traduz (**interpretante**). E esse sentido, para ser interpretado tem de ser traduzido em outro signo, e assim *ad infinitum*. (SANTAELLA, 2012, p. 81, grifo nosso)

Peirce trata do interpretante como sendo o signo equivalente criado na mente do indivíduo a quem um signo primário foi destinado (NÖTH, 1995). Buczinska-Garewicz (1981, apud SANTAELLA, 2000, p. 65) complementa que “nenhum signo fala por si mesmo, mas exclusivamente por outro signo. Assim sendo, não há nenhum modo de se entender o signo a não ser pelo seu interpretante”.

Caracterizando ademais sua composição, o signo possui dois tipos de objeto (objeto imediato e objeto dinâmico), e três tipos de interpretante (interpretante imediato, interpretante dinâmico e interpretante em si, ou final), exemplificado pelo diagrama a seguir:

**Figura 2 - Diagrama de signo**



Fonte: SANTAELLA (2012, p. 92).

Em análise do diagrama acima, o signo pode ser representado tanto pelo círculo central, que apresenta os elementos que estão no próprio signo dada sua potencialidade de representação (fundamento, objeto imediato, interpretante imediato), quanto pelos elementos externos ao signo cujas relações concorrem para a formação do significado (objeto dinâmico, interpretante dinâmico, interpretante em si).

O fato de um signo obter o poder de representação de um objeto, não se refere a todos os seus aspectos latentes, mas sim, a alguma referência ou ideia individual de concepção, chamada então de fundamento. Por exemplo, se determinado signo, relacionado ao seu respectivo objeto, remete uma lembrança de infância a um indivíduo, o fundamento de existência deste signo é a característica particular deste objeto que proporciona tal lembrança.

O objeto imediato refere-se àquela faceta do objeto que está representada dentro do signo, e diz respeito à maneira como o objeto dinâmico (aquilo que o signo substitui, objeto exterior que determina o signo) está representado. Logo, o objeto imediato e o objeto dinâmico se relacionam, visto que o signo deve apresentar uma referência interna que aponte seu significado. Quanto ao interpretante imediato “é aquilo que o signo está apto a produzir numa mente interpretadora qualquer” (SANTAELLA, 2012, p. 93). Referente ao interpretante dinâmico,

[...] há signos que são interpretáveis na forma de qualidades de sentimento; há outros que são interpretáveis através de experiência concreta ou ação; outros são passíveis de interpretação através de pensamentos numa série infinita [...] (SANTAELLA, 2012, p. 93)

Ou seja, é aquilo que o signo produz em cada mente singular. No tocante ao interpretante em si, Santaella (2012) explica que o mesmo se trata do modo como qualquer mente reagiria a um signo dadas certas condições, por exemplo, a palavra casa produziria como interpretante em si outros signos: habitação, moradia, lar, lar-doce-lar e etc. É um construto teórico que abrange a mais completa significação. É uma interpretação *in abstracto*, um ideal a ser buscado.

## 2.3 OS TRÊS RAMOS DA SEMIÓTICA PEIRCEANA

A semiótica peirceana se divide em três ramos principais: a gramática pura ou especulativa, a lógica crítica e a metodêutica ou retórica especulativa. O primeiro ramo, da gramática pura ou especulativa, é a parte mais conhecida da semiótica, e segundo Peirce (1995, p. 46) “Sua tarefa é determinar o que deve ser verdadeiro quanto ao *representâmen* utilizado por toda inteligência científica a fim de que possa incorporar um significado qualquer”, apresentando desta maneira uma especificação da noção de signo.

Peirce elabora uma grande variedade de tricotomias classificatórias de signos, porém, as mais conhecidas descrevem as relações dos signos: 1) consigo mesmo (quali-signo, sin-signo, legi-signo), 2) com seu objeto dinâmico (ícone, índice, símbolo) e 3) com seu interpretante (rema, dicente, argumento). Santaella (2000) observa ainda que os numerais “1, 2, 3” indicados na vertical e horizontal remetem diretamente às três categorias iniciais de primeiridade, secundidade e terceiridade, obtendo assim o quadro a seguir:

**Figura 3 - Tricotomias de Peirce**

Signo 1º (em si mesmo)	Signo 2º (com seu objeto)	Signo 3º (com seu interpretante)
1.º quali-signo	Ícone	Rema
2.º sin-signo	Índice	Dicente
3.º legi-signo	Símbolo	Argumento

Fonte: Santaella (2012, p. 97).

Consonante à primeira tricotomia, do signo em si mesmo, inicia-se pelo quali-signo, que nada mais é além da pura qualidade. Um quali-signo é considerado a partir da qualidade intrínseca de sua aparência, é o signo particularmente como ele é (RANSDELL, 1983, apud SANTAELLA, 2000). Peirce o define como a mera qualidade de que ele é um signo, não podendo atuar como um signo enquanto não se corporificar (NÖTH, 1995). Para ilustrar um quali-signo, Santaella (2000) menciona a tentativa de explicar os componentes de um som (intensidade, altura, timbre, etc.), porém o relato de tal é insuficiente para descrevê-lo, é necessário apresentá-lo por sua simples qualidade de som, é preciso tocá-lo para então ser “visualizado” por sua essência.

Em relação ao sin-signo (lembrando que se trata de uma relação diática e envolve corporificação do signo), o prefixo “sin” sugere a ideia de singularidade. Basicamente, o caráter do sin-signo se dá pela ocorrência ou prova de existência do signo.

Tocante ao legi-signo, ou signo de lei, o mesmo possui poder de representação, assim determina que um signo represente um objeto específico, tornando assim, o objeto uma lei armazenada na mente humana.

Partindo para a segunda tricotomia, e considerando a relação do signo com o seu objeto em primeiridade, um signo antes de representar seu objeto no tempo e espaço, é apenas qualidade, sendo assim um ícone remetente a tal objeto. Santaella

(2012) explica que devido ao fato de o signo se apresentar ainda somente por qualidade, é sempre dotado do caráter de um quali-signo, que se dá apenas à contemplação.

A relação signo-objeto em secundidade nomeia-se índice, pois “apresenta uma conexão de fato com o todo do conjunto de que é parte” (SANTAELLA, 2012), assim como a função natural de um índice. Índices são signos afetados por seus singulares (objetos), estes quais são apontados, remetidos e indicados por seus sin-signos. Santaella (2000) menciona alguns exemplos de índices: termômetros (indicam a temperatura), relógios (indicam o horário), girassóis (apontam a direção do sol), bússolas (apontam uma direção), os olhares e entonações de um palestrante e até mesmo os pronomes da língua portuguesa (este, aquele, ela, ele, dela, dele, nosso).

Perante a relação signo-objeto em terceiridade, esta chama-se símbolo, que é definido por Peirce da seguinte maneira: “Um símbolo é um signo que se refere ao objeto de denota, em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais” (NÖTH, 1995, p. 83). Logo, o poder de representação de um símbolo se dá pelo fato de o mesmo “ser portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto” (SANTAELLA, 2012, p. 105). Porém, acrescenta-se ainda que um símbolo não é algo singular, mas um tipo geral, como por exemplo, a palavra mulher, que não designa uma mulher específica, mas todas as mulheres existentes, e observando que de acordo com a lei (legi-signo), já estamos condicionados a remetermos a uma associação convencional do significado de mulher.

Por fim, a terceira tricotomia, que aborda a relação do signo com seu interpretante, é composta em primeiridade por um rema, que nada mais é além de uma conjectura ou hipótese (SANTAELLA, 2012). Peirce define um rema como “um signo de possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de objeto possível” (NÖTH, 1995, p. 88). Relembrando que um rema é a relação interpretante descendente da existência de um ícone (uma possibilidade de qualidade), a interpretação deste ícone se dá pela simples associação mental de aparência e demonstração, como por exemplo, ao observar as formas das nuvens no céu, a associação que ocorre não é que determinada nuvem seja um animal, mas a sua forma oferece essa possibilidade (SANTAELLA, 2012).

Referente ao dicente, Peirce o descreve como “um signo de existência real” ou ainda “um signo que veicula informação” (NÖTH, 1995, p. 88).

No que diz respeito ao argumento, ou inferência, este é um signo que é interpretado por seu interpretante em si como um signo de lei, ou regra reguladora. É o signo do discurso racional, o qual possibilita a geração de argumentos mentais com perfis abduativos, indutivos e dedutivos. Um exemplo de argumento é uma pesquisa científica, na qual ocorrem uma série de raciocínios hipotéticos (abdução), testes indutivos e interpretações generalizadoras (dedução).

O segundo ramo da semiótica, chamado lógica crítica, tem início exatamente onde a gramática especulativa termina, na classificação peirceana mais complexa de signo, o argumento (SANTAELLA, 2009). A lógica crítica tem por função investigar as inferências lógicas e forças comprobatórias de cada tipo de argumento. Peirce (1995, p. 46) trata a lógica crítica como

[...] a ciência do que é quase necessariamente verdadeiro em relação aos representamens de toda inteligência científica a fim de que possam aplicar-se a qualquer objeto, isto é, a fim de que possam ser verdadeiros, [...], é a ciência formal das condições de verdade das representações.

Após estudos observacionais do raciocínio humano, Peirce concluiu que há três tipos de argumentos, com base em três tipos de inferência ou raciocínio: abdução, dedução, indução. A abdução é concernente a um quase raciocínio, um possível lampejo de descoberta, responsável pelo nascimento de hipóteses. Segundo Peirce (1995, p. 220), “É o processo de formação de uma hipótese. É a única operação lógica que apresenta uma ideia nova”. Já a dedução, é responsável por desenvolver as consequências necessárias de uma hipótese pura. Por fim, a indução é a matriz atestadora da validade de tal argumento, que determina o valor de dada hipótese. Desta maneira, a abdução sugere que alguma coisa *pode ser*, a dedução prova que algo *deve ser*; e a indução mostra que alguma coisa é realmente operativa (PEIRCE, 1995).

O terceiro ramo da semiótica, a metodêutica ou retórica especulativa, estuda a eficácia da semiótica, ou seja, as condições de relação dos símbolos e signos com seus interpretantes. Segundo Peirce (1995, p. 46), “Seu objetivo é o de determinar as leis pelas quais, em toda inteligência científica, um signo dá origem a outro signo e, especialmente, um pensamento acarreta outro”.



“[...] a metodêutica tem por tarefa descobrir como analisar as hipóteses de modo a encontrar procedimentos que conduzam aos resultados desejados. Sua função, portanto, é analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem, incluindo o método da descoberta, de resolução de problemas e especialmente procedimentos apropriados a qualquer pesquisa. (SANTAELLA, 2006, p. 122)

Logo, por meio da retórica especulativa é possível alcançar as constantes que permeiam toda a variedade de procedimento e métodos aplicados pelas ciências.

Almeida (2009) relata que mesmo com a leitura de todos os conceitos e definições da filosofia e da semiótica, é impossível compreender somente um ponto, sem expandir as conexões do conhecimento. Uma simples revisão de conceitos não expõe consistentemente as diversas ramificações a que se pretende. Desta forma, o olhar semiótico cabe aos objetos de pesquisa de diversas outras ciências, destacando-se nesta pesquisa, a Ciência da Informação.

## 2.4 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (CI) E SUA INTERDISCIPLINARIDADE

Partindo da origem e dos conceitos fundamentais inerentes à CI, Braga (1995, p. 84) coloca como a primeira aproximação de definição de informação “[...] uma reordenação mental (classificação) e uma designação (ainda que articulada apenas em nível de identificação de algo que não o havia sido anteriormente)”. Braga (1995) relata ainda que a compreensão do fenômeno informação apresenta lacunas e imprecisões, sendo a informação uma noção nuclear, mas ao mesmo tempo problemática, sendo esta a razão de sua ambiguidade, “[...] não se pode dizer quase nada sobre ela, mas não se pode passar sem ela” (MORIN, 1992, apud BRAGA, 1995, p. 85). Belkin e Robertson (1976) têm a concepção de que a única noção comum entre todos os conceitos de informação é de que a mesma tem o poder de transformar estruturas. Mai (2010, p. 716, grifo nosso) relata o pensamento de Black (1998), mencionando que

A definição antiga de informação como um processo (por exemplo, o ato de informar ou ser informada) foi gradualmente traduzida pela racionalidade do Iluminismo na definição popular atual da informação como uma **entidade** [...], a reedificação da informação como um **recurso**, está no centro da ideia da sociedade de informação.

Partindo de outro ponto de vista, Moura e Ziller (2010, p. 325) relatam a informação como a encarregada de fazer

[...] a mediação entre a realidade e nossa cognição/percepção do mundo, representa algo e, a partir de então, podemos tomar esse algo como elemento de generalizações e tecer inferências, categorizações, interpretações.

Mai (2010) expõe a necessidade de ampliar a percepção do documento como “contêiner de informações que aguarda ser descoberto”, na medida em que oferece uma nova visão cognitiva da informação. A abordagem do autor indica que as informações não existem simplesmente apesar de qualquer percepção humana, pelo contrário, tem seu significado não no documento em si, mas existente na interpretação realizada pelo indivíduo. Desta forma, a CI se apresenta como a ciência

[...] que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para acessibilidade e usabilidade ótimas. (BRAGA, 1995, p. 87)

A CI ainda é descrita como “[...] a ciência voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais e se constitui pela aproximação de distintos campos de conhecimento” (MOURA, 2006, p. 2). No tocante à sua construção, a CI, como em qualquer disciplina emergente, emprestou e adaptou métodos de outras disciplinas, que gradualmente formaram conceitos, teorias e leis que alicerçaram os fundamentos para uma nova área de conhecimento (BRAGA, 1995). Moura (2006, p. 1) menciona que desde o seu primórdio, “[...] a compreensão dos processos de significação tornou-se um dos principais desafios da Ciência da Informação”.

A Ciência da Informação tem por objetivo compreender as relações humanas mediadas pela informação e os desdobramentos dessa ação. Busca para tanto compreender, do ponto de vista do sujeito, os aspectos sociais e técnicos envolvidos na ação de produzir, sistematizar, organizar, disseminar e recuperar informação. (MOURA, 2006, p. 14)

Em outra perspectiva, Almeida (2005, p. 12) afirma ainda que a Ciência da Informação engloba os “estudos dos métodos e procedimentos que visam compreender e potencializar a transferência da informação para a construção do conhecimento, principalmente científico”, podendo se relacionar com a posição de Mai (2010) exposta anteriormente, ao concluir que a nova visão cognitiva da informação possui grande valor para a construção do conhecimento científico.

Le Coadic (2004) aponta como objetos da CI o estudo das propriedades da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso. Capurro (2003) explana a colocação de Griffith (1980) que define ainda outros objetos da CI, como: produção, seleção, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso da informação.

Capurro (2003) oferece um estudo dos paradigmas epistemológicos que envolvem a CI, estes são: paradigma físico, paradigma cognitivo, paradigma social. Primeiramente, o paradigma físico pressupõe a existência de um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor. Uma mensagem, ou signo, que após codificada é chamada então de informação. Já o paradigma cognitivo

[...] trata de ver de que forma os processos informativos transformam ou não o usuário, entendido em primeiro lugar como sujeito cognoscente possuidor de 'modelos mentais' do 'mundo exterior' que são transformados durante o processo informacional. (CAPURRO, 2003, p. 7)

O paradigma cognitivo ainda se baseia na consideração da informação como algo isolado do usuário, ou ainda percebe o usuário, porém desconsiderando o seu caráter social de sujeito consciente. O paradigma social, por sua vez, tem o foco na construção social dos processos informativos, ou seja, na observação da necessidade dos usuários, seu conhecimento, consumo, práticas e relacionamento com os procedimentos de busca em diferentes sistemas (CAPURRO, 2003).

Notando-se o caráter social ao qual a CI tem cada vez mais se envolvido, valorizando a posição do usuário como mente consciente e participativa da informação, Mai (2010) defende além do caráter social, a pluralidade, afirmando que fatos científicos podem ser mostrados através da flexibilidade interpretativa, visto que para refletir a respeito das experiências do mundo é necessário versatilidade.

[...] a diversidade da experiência humana está se tornando cada vez mais prevalente e aceita-se que qualquer fato tem várias interpretações, e onde o pluralismo floresce, precisamos repensar [...] e construir uma base que começa a partir de uma hipótese interpretativa pluralista. (MAI, 2010, p. 711)

Dada esta variabilidade de interpretações, menciona-se a interdisciplinaridade, característica notável da CI, e que é definida por Bicalho (2011) como o “convívio de diferentes saberes”. A adoção do prefixo “inter” sugere o

sentido de reciprocidade entre ciências e disciplinas. A abordagem interdisciplinar indica novos caminhos para o avanço do conhecimento científico, possibilitando à CI e tantas outras ciências o fortalecimento de seus fundamentos disciplinares (BICALHO, 2011). O pensamento de Jean Piaget (1972) é citado por Bicalho (2011), que afirma “[...] na interdisciplinaridade há cooperação e intercâmbios reais e, conseqüentemente, enriquecimento mútuo”.

Saracevic (1995, p. 4) diz que a interdisciplinaridade da CI “[...] não precisa ser procurada, está lá”, no seu próprio campo científico. Gomes (2001, apud BICALHO, 2011, p. 119) coloca ainda que “não é necessário refletir sobre a característica interdisciplinar da CI para confirmá-la, porque seu próprio objeto de estudo aponta para a relevância deste seu caráter”. Targino (1995, apud BICALHO, 2011, p. 119) acrescenta ainda que “diante dessa interdisciplinaridade irrefutável, a CI emerge como meta-ciência ou supra ciência, no sentido de que [...] ultrapassa fronteiras rigidamente demarcadas para interagir com outras áreas”.

Conforme o estudo realizado por Bicalho (2011), titulado “Interações disciplinares presentes na pesquisa em Ciência da Informação”, foram avaliados 531 artigos publicados em periódicos nacionais da área da CI, sendo que 30% destes apresentaram características de interação com outras áreas do conhecimento, sendo estas classificadas da seguinte maneira (em ordem gradativa): Biblioteconomia; Administração/Engenharia de Produção; Epistemologia; Sociologia/Antropologia; Educação e Ciência da Computação; Estatística e **Semiótica/Semiologia**; Artes; Economia, **Filosofia e Linguística/Terminologia**; Arquivologia, Ciências Cognitivas, Comunicação Social e Sociologia da Ciência; Ciência Política, História, História da Ciência, Museologia e Psicologia.

Assim, com a sucessão de transformações que envolvem a informação, fica explícita a necessidade de articulações teóricas, visto que a preocupação com o fenômeno informacional não é exclusiva da CI. Mesmo que outras áreas do conhecimento compreendam fenômenos diversos em sua especificidade, em determinados momentos, os interesses se tornam tangentes. Ainda como uma área do conhecimento ligada fundamentalmente aos estudos da linguagem, deve-se buscar a compreensão deste fenômeno em seus diversos níveis. Assim, a CI utiliza frequentemente estudos elaborados em outras áreas do conhecimento que obtenham a linguagem e a informação como objetos de estudo centrais ou secundários (MOURA, 2006).

A Ciência da informação identifica-se enquanto um campo de conhecimento que estuda a informação ancorada no tecido social. Isso significa dizer que ela envolve uma dinâmica de significação, de produção e circulação de signos e numa rede de atos de enunciação semiótica. (MOURA, 2006, p. 5)

A partir de uma visão mais aprofundada a respeito da interdisciplinaridade da Ciência da Informação e da semiótica, Almeida (2009) impulsiona a questão de que se os signos de fato têm o objetivo de comunicar algo a alguém, está implícita a suposição de estes signos serem de interesse para a organização da informação e do conhecimento – esta qual estuda e produz mecanismos para a viabilização da comunicação. Para Robredo (2005), além da comunicação, outro campo de intersecção da semiótica e da CI é a indexação automática, que tem obtido no decorrer do tempo novas abordagens que aproximam cada vez mais a CI da inteligência artificial (por exemplo, estudos relacionados à web semântica). O autor ainda coloca que estas novas abordagens, antes exclusivas da filosofia (ontologias), linguística (semântica, semiótica), matemática, física e da estatística (matrizes, vetores, *clusters*, infometria), abrem novos espaços para a CI em benefício de todos, (ROBREDO, 2005). Almeida (2009, p. 171) presume ainda que

[...] os conhecimentos da semiologia impactam concretamente na organização da informação e do conhecimento, principalmente por oferecer conceitos utilizados na análise de sistemas de signos não verbais [...].

Almeida (2011) relata modelo semiótico de indexação elaborado por Jens-Erik Mai (1997a, 1997b, 2000, 2001), que trata o processo de indexação com base na Semiótica peirceana, ressaltando que a interpretação dos signos é a condição básica para a efetuação do processo de indexação e considerando que a transformação da primeira percepção de um documento em suas representações e modificações, é um processo semiótico que envolve operações cognitivas, assim como as classes propostas por Peirce. Como exemplo da relação entre classes de signo e processo indexatório pode-se mencionar

[...] o documento, primeira representação em contato com o indexador, é classificado como argumento; o assunto tem a natureza de um símbolo dicente; a descrição do assunto, terceiro elemento e produto do processo de indexação de assunto, se comporta como um legissigno indicial dicente e a entrada de assunto foi classificada como um legissigno indicial remático. (ALMEIDA, 2011, p. 108)

Torkild Leo Thellefsen (2002, 2003, 2004), também mencionado por Almeida (2011) em seus estudos, exemplifica a aplicação da semiótica peirceana de outra maneira, destacando os trabalhos que envolvem a teoria de organização semiótica do conhecimento como um meio de alcançar métodos de organização do conhecimento na CI. Almeida (2011) demonstra por meio do seguinte quadro os principais pontos de interdisciplinaridade entre Filosofia e Semiótica de Peirce e organização da informação e do conhecimento.

**Figura 4** - Principais pontos de interdisciplinaridade entre semiótica peirceana e organização da informação e do conhecimento

Ramo	Sub-Ramos	Disciplinas	Conceitos utilizados	Combinação conceitual
<b>Ciências normativas</b>	Estética	X	X	X
	Ética	X	X	X
	Semiótica	Gramática especulativa	Signo	Signo Documental
			Representamen	Semiose Documental
			Interpretante	Observação Colateral
			Tricotomias	Representação documental
		Lógica crítica	Classes de signos	Indexação de assunto
			Tipos de Argumentos	X
			Pragmatismo	Organização Semiótica do Conhecimento
		Retórica especulativa ou metodêutica	Hábito	Perfil do conhecimento

Fonte: Almeida (2011).

Já a autora Lara (2006) trata a abordagem lingüístico-semiótica como meio de compreender com maior facilidade o que é uma linguagem documentária enquanto modo de organização de um conjunto de signos, abordando especialmente os conceitos de signo, interpretante, objeto, semiose e experiência colateral. A autora ainda afirma que a informação, no âmbito da CI, “é um signo construído intencionalmente para funcionar como elemento de comunicação documentária” (LARA, 2006, p. 23).

Colocado nos sistemas de informação, o documento – ou o texto documentário – é sujeito, novamente, à interpretação. Por esse motivo, mais do que mostrar a natureza semiótica da linguagem documentária e delimitar o signo documentário, a abordagem semiótica tem a vantagem de colocar em relevo o intrincado processo de construção da significação e de sua interpretação. (LARA, 2006, p. 28)

Assim, com o ponto de vista de Almeida (2011), afirma-se que as pesquisas da semiótica peirceana como ciência cognitiva relacionadas à CI, proporcionam estudos de duas vertentes: na investigação dos processos de tratamento temático da informação e na análise das atividades cognitivas no momento da recuperação da informação, mostrando assim interdisciplinaridades nos campos que mais se destacam na CI.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto aos seus objetivos, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, que de acordo com Gil (1991, p.45), seus objetivos pretendem

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses [...] Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: a) levantamento bibliográfico; b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Também se define como pesquisa descritiva, que procura “identificar as características de um determinado problema ou questão e descrever o comportamento dos fatos e fenômenos” (BRAGA, 2007, p. 25). Em relação à abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa, que de acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20)

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Quanto aos seus procedimentos, é caracterizada como pesquisa bibliográfica, sendo esta “[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 21).

Para alcançar o objetivo específico “a”, que prevê “conhecer os principais conceitos da semiótica peirceana”, será utilizada a bibliografia de Peirce e de comentadores.

Com relação ao cumprimento do objetivo específico “b”, que preconiza “levantar as publicações brasileiras da área da Ciência da Informação que abordam temáticas da semiótica peirceana”, foi realizado um levantamento bibliográfico na BRAPCI - Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação, de artigos (APÊNDICE A) que apresentassem pelo menos um dos critérios de busca, sendo eles: nas palavras-chave os termos “semiótica” e/ou “semiose” (critério este que possibilitou uma maior abrangência na recuperação), ou



nos resumos o termo “Peirce” (critério que viabilizou a especificação da recuperação referente à semiótica peirceana), sem adoção de cortes cronológicos.

Para realizar o objetivo específico “c” qual seja “categorizar as concepções da semiótica que são discutidas na Ciência da Informação” foi adotada a análise do conteúdo, conforme as três etapas propostas por Bardin (1994): Organização e análise, Exploração do material e Tratamento dos dados obtidos.

Na primeira etapa de Organização e Análise, foi efetuado o planejamento e sistematização das fases de pré-análise, método de exploração do material e de tratamento dos resultados.

A segunda etapa, de Exploração do Material, consiste na leitura dos artigos e identificação dos temas da semiótica, divididos em duas partes:

- a) Codificação: fase de “transformação [...] dos dados brutos do texto [...] que permite atingir uma representação do conteúdo, ou de sua expressão” (BARDIN, 1994, p. 103);
- b) Categorização: que consiste em reunir um grupo de elementos com características comuns, baseadas em um critério que pode ser de natureza semântica, sintática, léxica ou expressiva.

A categorização do conteúdo consiste em identificar quais aspectos da semiótica e da CI são abordados nesses artigos. Para análise da temática da semiótica adotou-se como critérios classificatórios os três ramos da semiótica de Peirce, e referente à temática da CI foi utilizada a classificação JITA<sup>2</sup>, utilizada na base de dados internacional e-LIS. A classificação JITA está dividida em XX classes principais representadas por letras e cada classe é subdividida subclasses, representadas pela combinação de letras, conforme figura abaixo.

**Figura 5** - Exemplo de subdivisão da classificação JITA

<b>A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo.</li> <li>• AB. Teoria da informação e teoria de bibliotecas.</li> <li>• AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos.</li> <li>• AZ. Nenhum destes, mas nesta seção.</li> </ul>

Fonte: Classificação JITA

<sup>2</sup> JITA : acrônimo dos nomes dos autores Jose Manuel Barrueco Cruz, Imma Subirats Coll, Thomas Krichel e Antonella De Robbio.

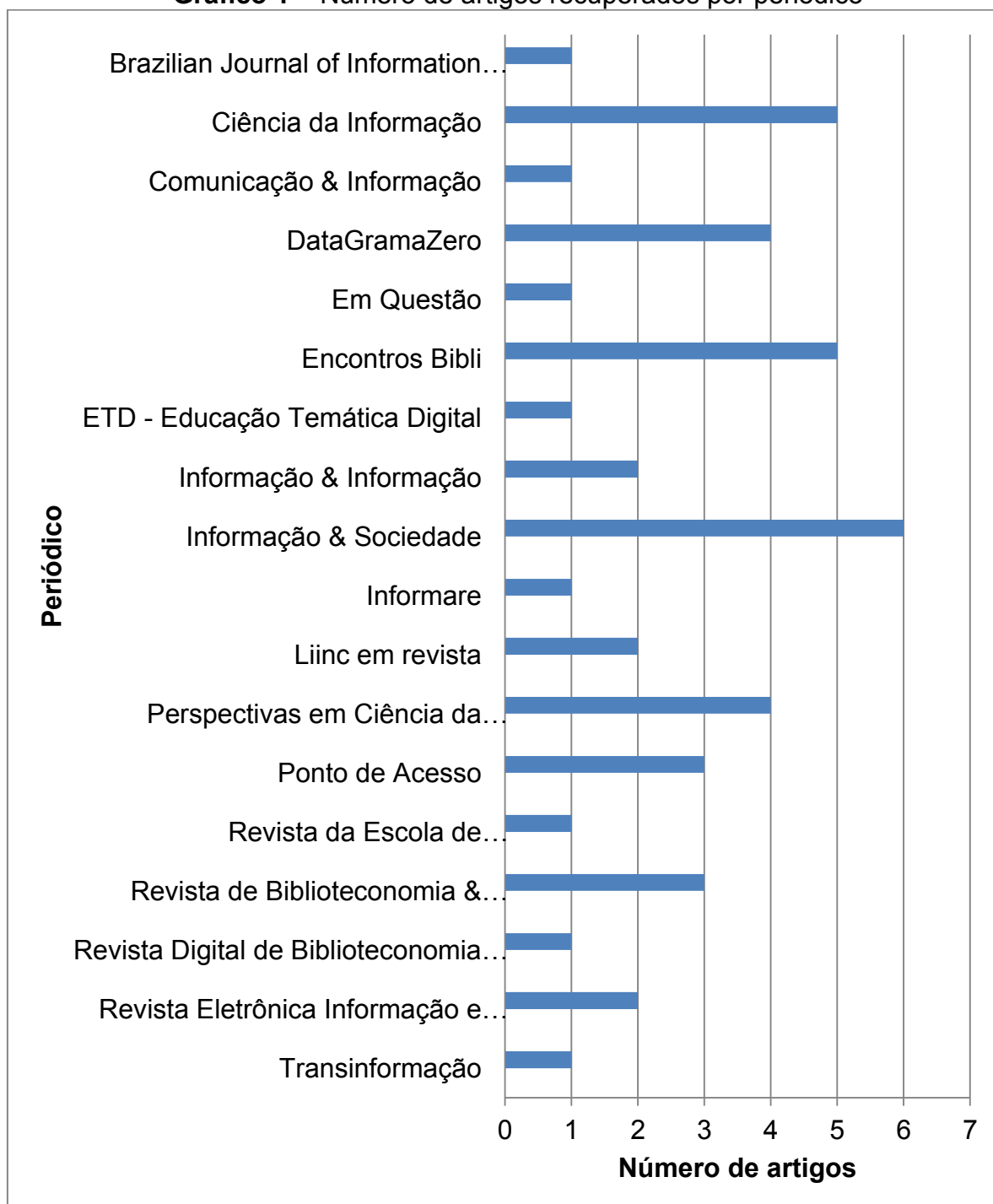
No entanto, devido aos critérios de busca contemplarem a totalidade da semiótica, foi criado o campo “outros”, para mencionar quais as possíveis outras vertentes abordadas na relação com a CI. O instrumento de análise de dados (APÊNDICE B) é constituído de um campo para registro da referência do artigo e quatro campos para registrar a abordagem dos autores que permitem classificar o artigo em um dos ramos da semiótica, ou em vertentes distintas aos estudo de Peirce, e outro para a classificação JITA.

Na etapa de Tratamento dos dados obtidos, as informações foram sistematizadas para análise e interpretação. Ao final da realização das etapas os dados foram expostos em gráficos e tabelas, acompanhados das considerações pertinentes a cada elemento.

## 4 RESULTADOS

O número de artigos publicados por periódico é demonstrado, conforme o gráfico 1.

**Gráfico 1 – Número de artigos recuperados por periódico**



Fonte: Dados da pesquisa

A partir do levantamento bibliográfico, foram recuperados 44 artigos, publicados em 18 periódicos. Deste levantamento, 2 artigos foram publicados no idioma inglês, e 1 no idioma espanhol. A revista que mostrou o maior número de publicações recuperadas foi a Informação & Sociedade, com 6 artigos. Os demais periódicos foram colocados da seguinte maneira: Ciência da Informação e Encontros Bibli, com 5 artigos; DataGramaZero e Perspectivas em Ciência da Informação, com 4 artigos; Ponto de Acesso e Revista de Biblioteconomia & Comunicação, com 3 artigos; Informação & Informação, Liinc em Revista e Revista Eletrônica Informação e Cognição, com 2 artigos. Os outros 8 periódicos recuperaram apenas 1 publicação no tema.

**Gráfico 2** – Número de artigos recuperados por ano

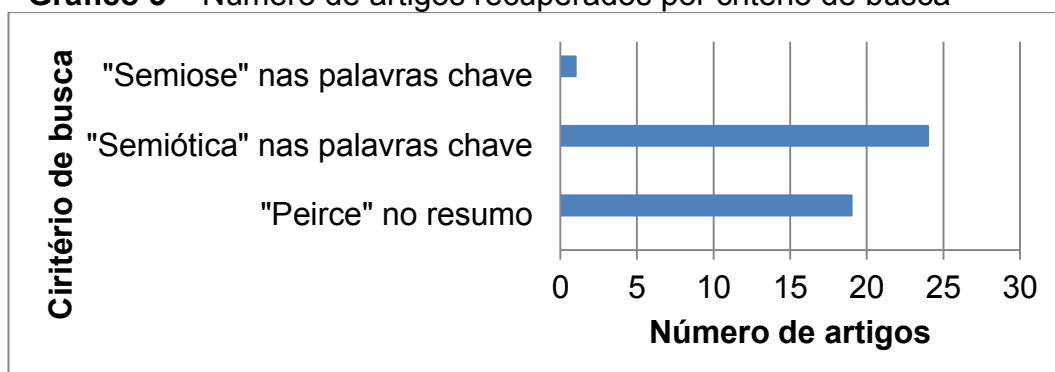


Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 2 expõe a recuperação dos artigos por ano de publicação, e observa a elevação do número de artigos publicados nos anos de 2006 e 2010. Esta elevação se dá pelo fato das revistas Encontros Bibli, Liinc em Revista e Ponto de Acesso publicarem, as edições especiais “Semiótica e Informação”, “Linguagem, informação e novas dinâmicas sociais contemporâneas” e “Informação, Conhecimento, Símbolos e Signos”.

O gráfico 3 apresenta o número de artigos recuperados por critério de busca.

**Gráfico 3 – Número de artigos recuperados por critério de busca**

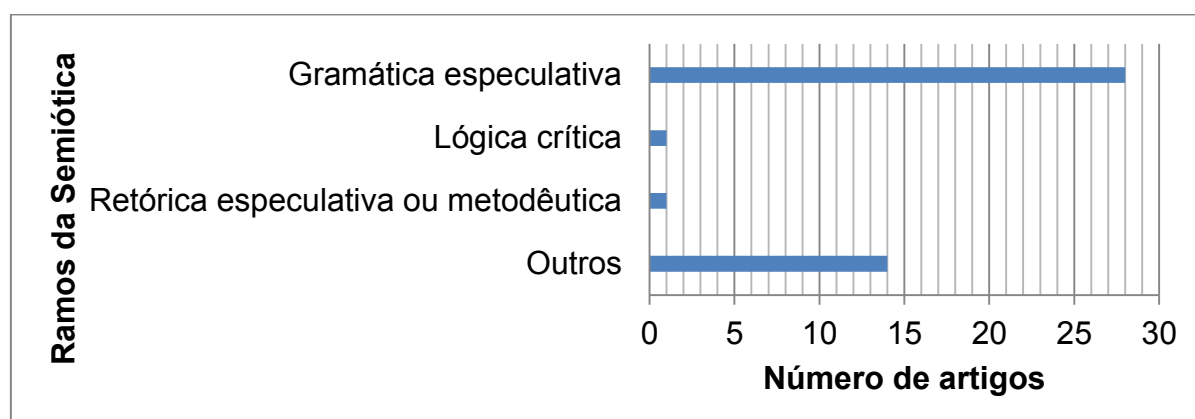


Fonte: Dados da pesquisa

Referente aos resultados da busca, o gráfico 3 expõe, de acordo com os critérios para recuperação de palavras-chave (semiose ou semiótica), ou menção no resumo (Peirce), que apenas 1 artigo foi recuperado pela palavra chave “semiose”<sup>3</sup>, e mais da metade dos resultados pela palavra chave semiótica, dada a abrangência dos seus estudos, não exclusivamente peirceanos.

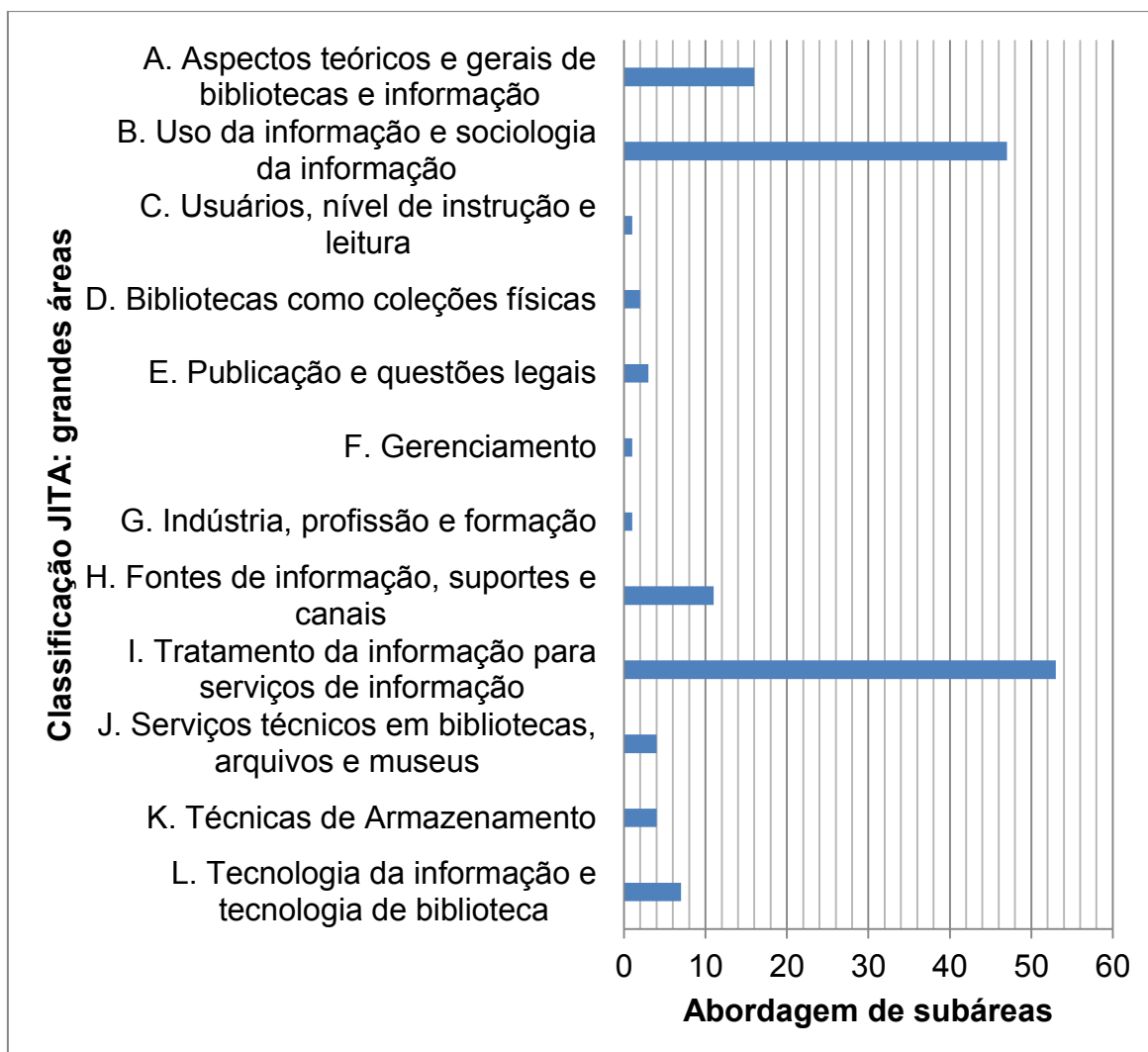
Os gráficos 4 e 5 apresentados abaixo mostram, respectivamente, o número de artigos classificados de acordo com os três ramos da semiótica de Peirce e o número de artigos classificados de acordo com as grandes áreas da CI propostas pela JITA. Em seguida é apresentada uma discussão geral relacionando a ocorrência dessas abordagens nos artigos.

**Gráfico 4 – Número de artigos distribuídos pelos ramos da semiótica**



Fonte: Dados da pesquisa

<sup>3</sup> JESSOP, Bob. Análise Crítica semiótica e Economia Política Cultural. Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 00-00, 2010.

**Gráfico 5 – Classificação JITA**

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação à Classificação JITA, os artigos foram analisados e categorizados em mais de uma classe e subclasse, de modo a relatar a abrangência de sua abordagem no tocante à CI, e mostrando a variedade de intersecções com a semiótica.

No que diz respeito à análise da abordagem da Semiótica, observa-se que a maior parte dos artigos analisados foi categorizada no ramo da gramática especulativa (que apresenta as três tricotomias do signo), mostrando ser o segmento da semiótica mais abordado nos estudos da CI, a classificação completa destes artigos encontra-se no APÊNDICE C. De fato, conforme já afirmaram Barros e Café (2012, p. 22) a gramática especulativa é a “[...] parte da Semiótica peirceana

mais adotada nas interações e discussões da CI” e, de forma geral, é a parte da Semiótica de Peirce que mais se difundiu (SANTAELLA, 2000).

Mostafa (2012, p. 33) procura confrontar a tricotomia dos signos de Peirce com as colocações de Gilles Deleuze, e afirma que o “pragmatismo peirceano na ciência da informação possibilita, entretanto, compreender a complexidade da linguagem humana e, portanto, da representação”. Sousa e Almeida (2012, p. 24) por sua vez destacam a relação do processo de representação temática do documento (indexação) com a semiótica, e defendem a interação entre as duas ciências “pelo motivo de a Ciência da Informação ser voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais, a aproximação entre distintos campos de conhecimento torna-se fundamental”, desta forma, fazendo uso da gramática especulativa como eixo classificatório das mínimas manifestações de signos.

Azevedo Netto (2008) expõe ainda o interpretante como instância fundamental para a recuperação da informação, e a semiótica como pilar da representação informativa. Para Assis e Moura (2011, p. 21, grifo nosso)

A principal contribuição desta Teoria da significação aos estudos sobre qualidade da informação é evidenciar que os mesmos devem focar os processos (**significação**) e não os produtos finais.

A semiótica é tratada unicamente por Almeida (2005) na ênfase da classificação taxionômica das ciências teóricas e aplicadas, enquanto Cândido e Valentim (2005) discutem a aplicação das categorias fenomenológicas de primeiridade, secundidade e terceiridade, como ferramentas no processo de decisão em organizações.

Dentre os outros autores – Siqueira (2012), Toutain *et al* (2011), Atem (2010), Gonzalez e Lopez (2010), Pucci (2010), Lacruz (2006), Monteiro e Carelli (2006), Moreira (2006), Gomes (2005), Azevedo Netto (2004), Souza (1990) - a abordagem geral permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos, apresentando poucas menções a outras relações, como o dicissigno, exposto por Souza (1990), e rema, dicissigno e argumento, citados por Lara (1993).

Os autores, Barros e Café (2012), Sousa e Almeida (2012), Toutain *et al* (2011), Lacruz (2006), Gomes (2005), Azevedo Netto (2004), Cauduro (1994) e Lara (1993), apesar de estarem tratando da semiótica peirceana, mencionaram as outras

escolas da semiótica, e citaram autores como Greimas, Saussure, Barthes, William Morris, Osmar Calabrese, Tomás Maldonado e Umberto Eco. Quanto às terminologias particulares utilizadas, destacam-se a pesquisa de Moura e Ziller (2010), as únicas do levantamento a tratar das concepções de *produser* e *produsage*, provindas da produção e consumo no ambiente digital, e os estudos de Gomes (2000) e Pinto (1996), que utilizam os termos *lebenswelt* (mundo da vida) e *innenwelt* (mundo interior), advindos da fenomenologia do filósofo alemão Edmund Gustav Albrecht Husserl.

Bourguine (2000), com seu estudo categorizado no ramo da lógica crítica<sup>4</sup>, trata especificamente do esboço da teoria da abdução relacionada com a dedução e indução da concepção de Peirce. Enquanto Farias (1999), categorizado como pesquisa baseada na retórica especulativa ou metodêutica<sup>5</sup>, relata a respeito de fenômenos inteligentes, explorando na semiótica peirceana os conceitos de hábito, mudança de hábito e a problematização da relação entre mente e matéria. Nos respectivos estudos, as classificações da JITA utilizadas foram: B. Uso da informação e sociologia da informação (especialmente nas subclasses BA. Uso e impacto da informação e BC. Informação na sociedade) e I. Tratamento da informação para serviços de informação (especialmente na subclasse IE. Representação do conhecimento).

Após a análise dos artigos, percebeu-se que dentre os artigos classificados na gramática especulativa, as classes da JITA mais abordadas foram: B. Uso da informação e sociologia da informação, com 23 artigos categorizados, e I. Tratamento da informação para serviços de informação, com 25 artigos. Desta forma, as subclasses da JITA que mais ocorreram foram: BA. Uso e impacto da informação, na qual foram classificados 22 artigos, e IE. Representação do conhecimento, com 18 artigos classificados.

---

<sup>4</sup> BOURGINE, Paul. Modelos de abdução. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2000.

<sup>5</sup> FARIAS, Priscila L.. Semiótica e Cognição: Os conceitos de hábito e mudança de hábito em C.S.Peirce. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, Marília, v. 1, n. 1, p. 12-16, 1999.



**Gráfico 6 – Outras abordagens da semiótica**

Fonte: Dados da pesquisa

Na categoria “outros” encontram-se os artigos que abordam vertentes da semiótica distintas aos estudos de Peirce, como mostra o gráfico 6. O estudo de Jessop (2010) trata da análise crítica do discurso, utilizando da semiose no processo de compreensão dos novos termos e representações utilizadas no novo discurso social advindo do capitalismo, sendo o principal autor citado, Norman Fairclough<sup>6</sup>. Na área da CI, o artigo está relacionado com a classe B da JITA que aborda o uso da informação e sociologia da informação (nas subáreas: BA. Uso e impacto da informação; BD. Sociedade da informação) e com a classe I que trata do tratamento da informação para serviços de informação (subárea IE. Representação do conhecimento).

Já Krieger (1990) menciona a semiótica uma vez no texto, ao afirmar que a análise de caráter semiótico identifica as funções comunicativas dos editoriais, caracterizando-os como discursos de representação do interesse coletivo. As classificações JITA referentes a este artigo foram: classe B. Uso da informação e sociologia da informação, subáreas: BA. Uso e impacto da informação; BC. Informação na sociedade; Classe E. Publicação e questões legais, subárea: EA.

<sup>6</sup> Professor de lingüística na Universidade de Lancaster, um dos fundadores da análise crítica do discurso.

Meios de comunicação de massa; Classe H. Fontes de informação, suportes e canais, subárea: HA. Periódicos, publicações.

Ambos textos da autora Lara (2002, 2001), classificados como “outros”, e que mencionam a semiótica apenas uma vez, ao afirmar que a sua metodologia, e outras áreas da linguística, são utilizadas para os processos de tratamento e recuperação de informações, estabeleceram uma relação entre o processo de conhecimento e o processo de representação da informação documentária, analisando o texto “Marco Polo e o unicórnio”, do livro “Kant e o ornitorrinco”, de Umberto Eco (1998), referindo-se às experiências do explorador na tentativa de classificar e nomear um animal desconhecido. Suas classificações JITA permearam o uso da informação e a sociologia da informação (classe B): subclasse BA. Uso e impacto da informação; e o tratamento da informação para serviços de informação (classe I): subclasses IB. Análise de conteúdo - indexação, resumos, classificação, IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas e IE. Representação do conhecimento.

No artigo de Nova (1990, p. 130), a abordagem semiótica se deu de uma maneira distinta de todos os artigos analisados. A autora realizou uma leitura semiótica particular do seu entendimento do termo “biblioteca”, descrevendo seu texto como “Leitura de rastros, melhor, do jogo de rastros. Corto e recorto, tentando mostrar aqui a biblioteca enquanto disseminadora de sentidos e conhecimentos e enquanto metáfora do saber”. Sua classificação JITA refere-se à classe IE. representação do conhecimento.

Os autores Pereira e Bufrem (2005), Biolchini, Ferreira e Brito (2000) e Mari (1996) abordaram as seguintes teorias de representação: Teoria da Classificação Facetada (Ranganathan); Teoria Geral da Terminologia (Wüester); Teoria do Conceito (Dahlberg); Teoria ator-rede; Teoria dos Protótipos; *Fuzzy Set Theory* sobre conjuntos e Teoria dos Atos de Fala. Nesses textos a semiótica não chega a ser propriamente abordada, mas apenas mencionada como área também destinada a estudos que envolvem a representação do conhecimento. Suas classificações JITA foram: Classe A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação, subárea AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo; Classe B. Uso da informação e sociologia da informação, subáreas BA. Uso e impacto da informação e BC. Informação na sociedade, Classe I. Tratamento da informação para serviços de informação, subáreas IB. Análise de conteúdo (indexação,

resumos, classificação), IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas e IE. Representação do conhecimento.

As vertentes de outros estudiosos foram adotadas nas pesquisas de Cordeiro e Toutain (2010), Barbalho (2006), Barbalho (2006), Barbalho (2002) e Alves (1997). Mais especificamente, no estudo de Cordeiro (2010, p. 5), a sua abordagem semiótica baseia-se na proposta de Magariños de Moretin<sup>7</sup>, pelo fato da mesma investigar

“[...] a interação entre a produção, a interpretação e a transformação do significado dos fenômenos sociais e denominada “*interacción constructiva*”. Isto é, no mundo se produz a transformação de entidades perceptíveis para determinado indivíduo ou grupo social através da relação de três elementos: pensamento, semioses, mundo.”

Suas classificações JITA se concentraram em especificações do uso da informação e sociologia da informação (classe B, subárea BA. Uso e impacto da informação) e nas fontes de informação, suportes e canais (classe H, HH. Audiovisual e multimídia como fontes de informação).

Em ambos textos de Barbalho (2002 e 2006), a autora optou por discorrer sobre a teoria semiótica da escola francesa, descrevendo suas principais noções conceituais, porém, de um ponto de vista unicamente abordado nos artigos, a sedução dos leitores através da arquitetura de bibliotecas. Em Barbalho (2002), a autora trata os edifícios da biblioteca como elemento colocado sob o olhar do usuário, para ser contemplado como instrumento de sedução ou rejeição. Destacam-se as Classes JITA: B. Uso da informação e sociologia da informação (BA. Uso e impacto da informação); D. Bibliotecas como coleções físicas (DD. Bibliotecas Públicas; DZ. Nenhum destes, mas nesta seção - bibliotecas como coleções físicas em geral); K. Técnicas de Armazenamento (KB. Edifícios de bibliotecas, arquivos e museus; KE. Arquitetura).

Em seu outro texto, Barbalho (2006) argumenta a imagem do profissional bibliotecário oferecida pelos meios de comunicação de massa (filme *O nome da rosa*, quadrinhos e imagens diversas), levantando estereótipos e discutindo a representação social proveniente das relações no âmbito da biblioteca. Para tanto, a autora se baseou na sociosemiótica e na ressignificação proposta por Saussure

---

<sup>7</sup> Professor de Semiótica e Metodologia de Investigação na Universidade Nacional de Jujuy e na Universidade Nacional de La Plata. Organizou o primeiro instituto de semiótica de Buenos Aires, o ILAE (Instituto e Laboratório de Análises Estruturais).

(escola francesa). Em suas abordagens referentes á CI, o artigo foi classificado na JITA da seguinte maneira: Classe B. Uso da informação e sociologia da informação (BA. Uso e impacto da informação), Classe I. Tratamento da informação para serviços de informação (IH. Sistemas de imagens) e Classe G. Indústria, profissão e formação (GZ. Nenhum destes, mas nesta seção - imagem do profissional bibliotecário).

Ainda de um ponto de vista distinto, Alves (1997) reconhece Peirce como “pai” da semiótica, mas trabalha com as contribuições de Umberto Eco e Max Bense<sup>8</sup> para a teoria científica da informação estética de uma perspectiva midiática, com base na semiótica. A classificação JITA deste artigo abrange os aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação (Classe A; subárea AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo), uso da informação e sociologia da informação (Classe B, subáreas BA. Uso e impacto da informação e BC. Informação na sociedade) e fontes de informação, suportes e canais (Classe H, subárea HI. Mídia eletrônica).

Finalizando a categoria “outros”, Descardecí (2002, p. 20) utiliza a noção de semiótica social e multimodalidade de representações componentes de uma mensagem proposta por Gunther Kress<sup>9</sup> e Theo Van Leeuwen<sup>10</sup>, procurando “[...] englobar os diferentes modos de representação impressa em um campo mais abrangente do que o até então chamado de língua”. Desta maneira, sua classificação JITA se limitou a concepções de usuários, nível de instrução e leitura (Classe C, subárea CZ. Nenhum destes, mas nesta seção – leitura) e tratamento da informação para serviços de informação (Classe I, subárea IE. Representação do conhecimento).

---

<sup>8</sup> Filósofo, escritor e ensaísta alemão, conhecido por seus trabalhos em filosofia da lógica, estética e semiótica.

<sup>9</sup> Professor de Semiótica e Educação do Departamento de Cultura, Comunicação e Mídia da Universidade de Londres.

<sup>10</sup> Decano da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Tecnologia de Sydney.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo geral deste estudo foi identificar as abordagens da semiótica na Ciência da Informação presentes nas publicações brasileiras. Para tanto, o objetivo específico "a", que buscou conhecer os principais conceitos da semiótica peirceana, foi cumprido nos capítulos 2.1 a 2.3, nos quais foram apresentados o embasamento teórico e conceitual da semiótica de acordo com a literatura. O objetivo específico "b", que visava levantar as publicações brasileiras da área da Ciência da Informação que abordam temáticas da semiótica peirceana, foi contemplado por meio do levantamento bibliográfico realizado conforme a metodologia mencionada no capítulo 3, e relatado no capítulo 4. O objetivo específico "c", que preconizou classificar as concepções da semiótica que são discutidas nas publicações brasileiras da área da Ciência da Informação, foi efetuado conforme a análise e categorização dos artigos, e de acordo com os relatos do capítulo 4.

Desta forma, com base na literatura do tema, e na pesquisa efetuada, foi possível concluir que a abordagem da semiótica peirceana mais presente nos artigos levantados foi a gramática especulativa e as classificações da tricotomia elaboradas por Peirce. A interdisciplinaridade da CI com a semiótica, nos artigos levantados, se deu principalmente nas áreas relacionadas à utilização da informação e o seu impacto na sociedade e à representação do conhecimento. A semiótica, como teoria da significação, envolve os elementos que relacionam a constituição da informação e do conhecimento por meio de percepções cognitivas, podendo conectar assim as duas áreas do conhecimento em ações que permeiam a investigação, construção, classificação, organização e representação da informação. Faz-se oportuna a questão da abrangência das concepções de informação, significação, e suas fundamentações na fenomenologia, proporcionando assim a possibilidade de se interligarem de diversas maneiras.

Observou-se também a exiguidade de abordagem das outras disciplinas da semiótica peirceana, a lógica crítica e a retórica especulativa ou metodêutica, deixando assim a oportunidade de estudos futuros. O campo classificatório "outros", referente às abordagens da semiótica distintas aos estudos peirceanos, revelou-se também um grande destaque nesta pesquisa, devido à variedade de abordagens concernentes às interdisciplinaridades de ambas ciências, oferecendo também

possíveis ensejos de pesquisa. Como possibilidade de tornar esta pesquisa ainda mais elaborada em seus resultados, é interessante revisitar a investigação destas interdisciplinaridades não somente em território nacional, buscando conhecer também os rumos que a relação entre a semiótica e a CI tem tomado na publicação científica internacional.

Desta maneira, este trabalho foi elaborado com o propósito de compreender a maneira que o conhecimento filosófico presente na semiótica é inserido nos estudos da informação na CI, e destacar a importância da relação entre estas ciências de caráter teórico e aplicado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido. A biblioteconomia e a Ciência da Informação na taxionomia das ciências de Charles Sanders Peirce. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n.1, p. 1-19, 2005.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. **Peirce e a organização da informação**: contribuições teóricas da semiótica e do Pragmatismo. Marília, 2009. 416f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – PPGCI - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 2009.

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação e do conhecimento. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p. 104-120, 2011.

ASSIS, Juliana de; MOURA, Maria Aparecida. A Qualidade da Informação na Web: uma abordagem semiótica. **Informação & Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 96-117, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BARROS, Camila Monteiro de ; CAFÉ, Lúgia . Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 3, p. 18-33, 2012.

BELKIN, Nicholas J.; ROBERTSON, Stephen .E. Information science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, v.27, n.4, p.197-204, July-August, 1976.

BICALHO, Lucinéia. Interações disciplinares presentes na pesquisa em ciência da informação. **Transinformação**, v. 2, p. 113-126, 2011.

BRAGA, Gilda Maria . Informação, Ciência da Informação: breves reflexões em três tempos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.1, p. 84-88, 1995.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. (Org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia y ciencia de la informacion. In: V Enancib, 2003, Belo Horizonte. **Anais do V Enancib**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; TOUTAIN, Lúdia Brandão. O IMAGINÁRIO DA DÉCADA DE 20 NO CINEMA BRASILEIRO. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 3-18, jan./jun. 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo (SP): Atlas, 1991.

**JITA classification schema of Library and Information Science**. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/jita.html>>.

MAI, Jens- Erik. The modernity of classification. **Journal of documentation**, v. 67, n.4, p. 710-730, 2010.

MOREIRA, Solange Silva. O ícone e a possibilidade de informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 2, nº especial, p. 30-42, 2007.

MOSTAFA, Solange Puntel. Charles Peirce, Gilles Deleuze e a Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 27-37, jan./abr. 2012.

MOURA, Maria Aparecida. Ciência da Informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 2, p. 1-17, 2006.

MOURA, Maria Aparecida; ZILLER, Joana. Semiose e fluxos informacionais: os agenciamentos coletivos e a condição de usuário em ambientes digitais. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 324-340, 2010.

LARA, Marilda Lara Lopes Ginez de. É possível falar em signo e semiose documentária?. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, p. 18-29, jan. 2006.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, Briquet de Lemos, 2004.

NÖTH, Winfried. **A semiótica no Século XX**. São Paulo: Annablume, 1996. (Coleção E; 5).



NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 1995. (Coleção E; 3).

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ROBREDO, Jaime. **Documentação de hoje e de amanhã**. 4. ed. Brasília: (edição de autor), 2005.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal : aplicações na hipermídia. [3. ed.]. São Paulo: FAPESP: Iluminuras, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos: 103).

SARACEVIC, Tefko. Interdisciplinary nature of information science. **Ciência da Informação**, v.24, n.1, 1995.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: LED, 2000.

SOUSA, Brisa Pozzi de; ALMEIDA, Cybele Crosseti de. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 2, 2012.

## APENDICE A – DADOS COLETADOS

ANO	REFERÊNCIA
2012	BARROS, Camila Monteiro de; CAFE, Lígia Maria Arruda. Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades. <b>Perspectivas em Ciência da Informação</b> , Belo Horizonte, v. 17, n. 3, 2012.
	MOSTAFA, Solange Puntel. Charles Peirce, Gilles Deleuze e a Ciência da Informação. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 27-37, jan./abr. 2012.
	SIQUEIRA, Jéssica Camara. A Semiose da Imagem: análise semiótica de capas de livros. <b>Ponto de Acesso</b> , Salvador, v. 6, n. 1, p. 108-125, jan./jun. 2012.
	SOUSA, Brisa Pozzi de; ALMEIDA, Cybele Crosseti de. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , João Pessoa, v. 22, n. 2, 2012.
2011	ASSIS, Juliana de; MOURA, Maria Aparecida. A Qualidade da Informação na Web: uma abordagem semiótica. <b>Informação &amp; Informação</b> , Londrina, v. 16, n. 3, p. 96-117, 2011.
	MOURA, Maria Aparecida. Interoperabilidade Semântica e Ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. <b>Informação &amp; Informação</b> , Londrina, v. 16, n. Esp., p. 165-179, 2011.
	TOUTAIN, Lidia M. B. Brandão; FERREIRA, Flávia Catarino C.; SANTOS, Raquel do Rosário; MARINHO, Rafael Barros. Semiótica e produção de sentido. <b>DataGramaZero</b> , Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, fev./2011.
2010	ATEM, Guilherme Nery. Mídia e individuação semioestética. <b>Em Questão: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS</b> , Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 135-147, jul./dez. 2010.
	CORDEIRO, Rosa Inês de Novais; TOUTAIN, Lídia Brandão. O IMAGINÁRIO DA DÉCADA DE 20 NO CINEMA BRASILEIRO. <b>Ponto de Acesso</b> , Salvador, v. 4, n. 1, p. 3-18, jan./jun. 2010.
	GONZALEZ, Maria Ángeles Cabrera; LOPEZ, Samuel Granados. EL PERIODISMO GRÁFICO DESDE UNA PERSPECTIVA SEMIÓTICA: INFORMACIÓN, INTERPRETACIÓN Y OPINIÓN EN LA REPRESENTACIÓN ESTADÍSTICA DE LA ACTUALIDAD. <b>Ponto de Acesso</b> , Salvador, v. 4, n. 1, p. 45-77, jan./jun. 2010.
	JESSOP, Bob. Análise Crítica semiótica e Economia Política Cultural. <b>Liinc em revista</b> , Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 00-00, 2010.
	MOURA, Maria Aparecida; ZILLER, Joana. Semiose e fluxos informacionais: os agenciamentos coletivos e a condição de usuário em ambientes digitais. <b>Liinc em revista</b> , Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 324-340, 2010.

	PUCCI, Fernanda Rodrigues. Ver, ler e participar do anúncio impresso da cerveja SOL. <b>Comunicação &amp; Informação</b> , Goiânia, v. 13, n. 2, p. 13-29, jul./dez. 2010.
2008	AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. <b>Transinformação</b> , Campinas, v. 20, n. 1, p. 47-58, jan./abr. 2008.
	AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico reflexões através do registro e disseminação da informação. <b>Ciência da Informação</b> , Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.
2006	BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Fazer semiótico: subsídios para exame do espaço concreto. <b>Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b> , Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 79-96, 1º sem. 2006.
	BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Regimes de visibilidade das práticas do profissional bibliotecário. <b>Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b> , Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 164-172, 1º sem. 2006.
	BETHÔNICO, Jalver. Signos audiovisuais e Ciência da Informação: uma avaliação. <b>Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b> , Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 58-78, 1º sem. 2006.
	LACRUZ, María del Carmen Agustín. O conceito de "texto artístico" e sua relevância para as ciências da documentação. <b>Brazilian Journal of Information Science</b> , Marília, v. 0, n. 0, p. 16-49, jul./dez./2006.
	MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria Elisa. Representação e memória no ciberespaço. <b>Ciência da Informação</b> , Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006.
	MOREIRA, Solange Silva. O ícone e a possibilidade de informação. <b>Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b> , Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 30-42, 2006.
2005	ALMEIDA, Carlos Cândido de. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação na taxionomia das ciências de Charles Sanders Peirce. <b>Revista Digital de Biblioteconomia &amp; Ciência da Informação</b> , Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-19, jul./dez. 2005.
	CÂNDIDO, Carlos Aparecido; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; CONTANI, Miguel Luiz. Gestão Estratégica da Informação: Semiótica aplicada ao processo de tomada de decisão. <b>DataGramaZero</b> , Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 00-00, jun. 2005.
	GOMES, Henriette Ferreira. A função do iconismo na percepção: etapa precursora da construção de conhecimentos e informações. <b>DataGramaZero</b> , Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 00-00, dez. 2005.
	PEREIRA, Edmeire Cristina; BUFREM, Leilah Santiago. Princípios de organização e representação de conceitos em linguagens documentárias. <b>Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação</b> , Florianópolis, v. 10, n. 20, p. 21-37, 2º sem. 2005.

2004	AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua Emília Lacerda. A Representação de Imagens no Acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire - Proposta e percursos. <b>Ciência da Informação</b> , Brasília, v. 33, n. 3, p. 17-25, set./dez. 2004.
2002	AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 01-13, 2002.
	BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Biblioteca pública do Estado do Amazonas: a construção de sentido de seu edifício. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 93-119, 2002.
	DESCARDECI, Maria Alice Andrade de Souza. Ler o mundo: um olhar através da semiótica social. <b>ETD - Educação Temática Digital</b> , Campinas, v. 3, n. 2, p. 19-26, jun. 2002.
	LARA, Marilda Lopes Ginez de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. <b>Perspectivas em Ciência da Informação</b> , Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 127-139, jul./dez. 2002.
	MOURA, Maria Aparecida; SILVA, Ana Paula; AMORIM, Valéria Ramos. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 217-251, 2002.
2001	LARA, Marilda Lopes Ginez de. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. <b>DataGramaZero</b> , Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, dez. 2001.
2000	BIOLCHINI, Jorge Calmon de Almeida; FERREIRA, Márcia Xavier; BRITO, Márcia Valéria da Silva de. Como juntar os atores? A análise semiótica. <b>Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação</b> , Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-28, jan./jun. 2000.
	BOURGINE, Paul. Models of abduction. <b>Revista Eletrônica Informação e Cognição</b> , Marília, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2000.
	GOMES, Henriette Ferreira. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. <b>Ciência da Informação</b> , Brasília, v. 29, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2000.
1999	FARIAS, Priscila L.. Semiótica e Cognição: Os conceitos de hábito e mudança de hábito em C.S.Peirce. <b>Revista Eletrônica Informação e Cognição</b> , Marília, v. 1, n. 1, p. 12-16, 1999.
1997	ALVES, Erinaldo. A informação, a cidadania e a arte: elos para a emancipação. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 13-38, 1997.
1996	MARI, Hugo. Dos fundamentos da significação à produção do sentido. <b>Perspectivas em Ciência da Informação</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 93-109, jan./jun. 1996.
	PINTO, Julio. Semiótica e informação. <b>Perspectivas em Ciência da Informação</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 87-92, jan./jun. 1996.
1994	CAUDURO, Flávio Vinicius. On Peirce's fallibilism. <b>Revista de Biblioteconomia &amp; Comunicação</b> , Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 121-128, 1994.

1993	LARA, Marilda Lopes Ginez de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. <b>Ciência da Informação</b> , Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.
1990	KRIEGER, Maria da Graça. Editoriais jornalísticos: discursos de representação do interesse coletivo. <b>Revista de Biblioteconomia &amp; Comunicação</b> , Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 158-164, 1990.
	NOVA, Vera Casa. Biblioteca: uma leitura semiológica. <b>Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG</b> , Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 130-137, mar. 1990.
	SOUZA, Lícia Soares de. Elementos para uma sociossemiótica do audiovisual. <b>Revista de Biblioteconomia &amp; Comunicação</b> , Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 165-180, 1990.

**APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DADOS**

<b>Referência:</b>	
<b>Gramática Especulativa</b>	
<b>Lógica crítica</b>	
<b>Metodêutica</b>	
<b>JITA</b>	
<b>Outros</b>	

### APÊNDICE C – CLASSIFICAÇÃO COMPLETA DOS ARTIGOS CATEGORIZADOS NA GRAMÁTICA ESPECULATIVA

Referência	Gramática especulativa	Classificação JITA	
BARROS, Camila Monteiro de; CAFE, Lígia Maria Arruda. Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, 2012.	Dá atenção à gramática especulativa por ser a parte da semiótica mais abordada nas interações e discussões da CI.	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo
			AC. relacionamento da biblioteconomia e CI com outros campos
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
MOSTAFA, Solange Puntel. Charles Peirce, Gilles Deleuze e a Ciência da Informação. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 27-37, jan./abr. 2012.	Desafia a tricotomia de Peirce com as colocações de Deleuze. Expõe as concepções de outros autores a respeito da semiótica peirceana, relaciona diretamente à organização do conhecimento.	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo
			AC. relacionamento da biblioteconomia e CI com outros campos
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	AB. Teoria da informação e teoria de bibliotecas.
			IE. Representação do conhecimento

SIQUEIRA, Jéssica Camara. A Semiose da Imagem: análise semiótica de capas de livros. Ponto de Acesso, Salvador, v. 6, n. 1, p. 108-125, jan./jun. 2012.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
			IH. Sistemas de imagens.
SOUSA, Brisa Pozzi de; ALMEIDA, Cybele Crosseti de. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 2, 2012.	Destaca a relação do processo de representação temática do documento (indexação) com a semiótica, e defende a interação entre as duas ciências “pelo motivo de a Ciência da Informação ser voltada para a compreensão dos fenômenos informacionais, a aproximação entre distintos campos de conhecimento torna-se fundamental” (p.4)	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IB. Análise de conteúdo (indexação, resumos, classificação)
			IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas.
			IE. Representação do conhecimento.
ASSIS, Juliana de; MOURA, Maria Aparecida. A Qualidade da Informação na Web: uma abordagem semiótica. Informação & Informação, Londrina, v. 16, n. 3, p. 96-117, 2011.	“A principal contribuição desta Teoria da significação aos estudos sobre qualidade da informação é evidenciar que os mesmos devem enfocar os processos e trocas simbólicas, e não os produtos finais.” (p. 21)	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		H. Fontes de informação, suportes e canais	HQ. Páginas da Web
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas



		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LC. Internet, inclusive WWW
MOURA, Maria Aparecida. Interoperabilidade Semântica e Ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. Informação & Informação, Londrina, v. 16, n. Esp., p. 165-179, 2011.	Busca compreender as implicações da interpretação semiótica do discurso científico contemporâneo nos sistemas de organização da informação e do conhecimento em ambientes colaborativos online.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		H. Fontes de informação, suportes e canais	HQ. Páginas da Web
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas
		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LC. Internet, inclusive WWW
TOUTAIN, Lidia M. B. Brandão; FERREIRA, Flávia Catarino C.; SANTOS, Raquel do Rosário; MARINHO, Rafael Barros. Semiótica e produção de sentido. DataGramaZero, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, fev./2011.	“Neste artigo, pretende-se refletir sobre o papel dos signos, mais especificamente, os ícones, símbolos e imagens, na produção de sentidos por parte dos sujeitos que utilizam o website do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia” (p. 1)	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		H. Fontes de informação, suportes e canais	HQ. Páginas da Web
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IH. Sistemas de imagens
		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LQ. Sistemas de automação de bibliotecas
ATEM, Guilherme Nery. Mídia e individuação semioestética. Em Questão: Revista da Faculdade de	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		E. Publicação e questões legais	EA. Meios de comunicação de massa

Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 135-147, jul./dez. 2010.		H. Fontes de informação, suportes e canais	HH. Audiovisual, Multimídia HI. Mídia eletrônica.
GONZALEZ, Maria Ángeles Cabrera; LOPEZ, Samuel Granados. EL PERIODISMO GRÁFICO DESDE UNA PERSPECTIVA SEMIÓTICA: INFORMACIÓN, INTERPRETACIÓN Y OPINIÓN EN LA REPRESENTACIÓN ESTADÍSTICA DE LA ACTUALIDAD. Ponto de Acesso, Salvador, v. 4, n. 1, p. 45-77, jan./jun. 2010.	"[...] propone una técnica basada en el análisis de contenido que permite llevar a cabo una apropiada taxonomía de la infografía en prensa." (p. 45) "Por un lado, afrontaremos el signo como icono, índice o símbolo, en su sentido original y según la concepción perceiana, pero al mismo tiempo intentaremos relacionar los tres modos de la expresión con las tres actitudes psicológicas que sirven para clasificar los géneros en el periodismo actual; de manera específica afrontaremos su aplicación en infografía." (p. 53)	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
			BC. Informação na sociedade.
			BG. Disseminação e difusão da informação.
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IB. Análise de conteúdo (indexação, resumos, classificação)
MOURA, Maria Aparecida; ZILLER, Joana. Semiose e fluxos informacionais: os agenciamentos coletivos e a condição de usuário em ambientes digitais. Liinc em revista, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 324-340, 2010.	Permeia os conceitos e reflexões de signo, objeto e interpretante. Apresenta o conceito de produser/produsage	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos
		B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
			BD. Sociedade da informação.
			BG. Disseminação e difusão da informação.

		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
		J. Serviços técnicos em bibliotecas, arquivos e museus	JG. Digitalização
			JH. Preservação digital.
PUCCI, Fernanda Rodrigues. Ver, ler e participar do anúncio impresso da cerveja SOL. Comunicação & Informação, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 13-29, jul./dez. 2010.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos, aplicados à publicidade.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		E. Publicação e questões legais	BC. Informação na sociedade.
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	EA. Meios de comunicação de massa
			IH. Sistemas de imagens
AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. Transinformação, Campinas, v. 20, n. 1, p. 47-58, jan./abr. 2008.	Discute-se a formação e prática do discurso, sob o ponto de vista da teoria semiótica de Peirce e analisa a entidade conceito como estrutura semiótica, por meio da equiparação entre os elementos constitutivos do conceito e os do signo, enquanto estruturas de representação. Enfatiza o interpretante como peça vital da recuperação da informação.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LZ. Nenhum destes, mas nesta seção (recuperação da informação)
AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico reflexões através do registro e disseminação da	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos. Apresenta o artefato arqueológico como signo.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento

informação. Ciência da Informação, Brasília, v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LZ. Nenhum destes, mas nesta seção (recuperação da informação)
BETHÔNICO, Jalver. Signos audiovisuais e Ciência da Informação: uma avaliação. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 58-78, 1º sem. 2006.	“Esta abordagem do pensar como uma produção de signos e a capacidade analítica das funções e relações do signo transformam a semiótica numa sofisticada lente para esclarecer as articulações entre a forma e o(s) sentido(s), entre a leitura da estrutura e o leitor e entre a fonte de informação e o conhecimento.” (p. 63) Avalia a relação da Ciência da Informação com os signos audiovisuais.	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos
		B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		H. Fontes de informação, suportes e canais	HH. Audiovisual, Multimídia
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
LACRUZ, María del Carmen Agustín. O conceito de "texto artístico" e sua relevância para as ciências da documentação. Brazilian Journal of Information Science, Marília, v. 0, n. 0, p. 16-49, jul./dez./2006.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IH. Sistemas de imagens
			IB. Análise de conteúdo (indexação, resumos, classificação).
MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda; PICKLER, Maria	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos

Elisa. Representação e memória no ciberespaço. Ciência da Informação, Brasília, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006.	símbolos.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		H. Fontes de informação, suportes e canais	HZ. Nenhum destes, mas nesta seção. (ciberespaço)
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
		J. Serviços técnicos em bibliotecas, arquivos e museus	JH. Preservação digital
		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LC. Internet, inclusive WWW
MOREIRA, Solange Silva. O ícone e a possibilidade de informação. Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 11, n. esp., p. 30-42, 2006.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícone, apresentando-o como instrumento utilizado tanto no tratamento ontológico da informação.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
ALMEIDA, Carlos Cândido de. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação na taxionomia das ciências de Charles Sanders Peirce. Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação, Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-19, jul./dez. 2005.	Trata das noções de Peirce referentes à classificação das ciências (ciências teóricas, ciências da revisão e ciências aplicadas)	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo
			AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos.

CÂNDIDO, Carlos Aparecido; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; CONTANI, Miguel Luiz. Gestão Estratégica da Informação: Semiótica aplicada ao processo de tomada de decisão. DataGramaZero, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 00- 00, jun. 2005.	Discute a aplicação das categorias fenomenológicas de primeiridade, secundidade e terceiridade, como ferramentas no processo de decisão em organizações.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
			BC. Informação na sociedade.
		F. Gerenciamento	FZ. Nenhum destes, mas nesta seção. (gestão estratégica da informação)
GOMES, Henriette Ferreira. A função do iconismo na percepção: etapa precursora da construção de conhecimentos e informações. DataGramaZero, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p. 00-00, dez. 2005.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices e símbolos.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal; PEREIRA, Perpétua Emília Lacerda. A Representação de Imagens no Acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire - Proposta e percursos. Ciência da Informação, Brasília, v. 33, n. 3, p. 17-25, set./dez. 2004.	“O embasamento metodológico deste trabalho, conforme mencionado, tem como um de seus pilares a teoria semiótica, elaborada por Peirce (1985), que sua figura mais importante, para o presente objetivo – o interpretante, que é visto como a instância onde há a construção do significado, da recuperação da informação.”	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		J. Serviços técnicos em bibliotecas, arquivos e museus	JH. Preservação digital

	“Essa categorização leva a imagem a se aproximar das categorias do signo peirceano, cujo primeiro momento estaria próximo da noção de ícone para, a seguir, aproximar-se da noção de símbolo e, por fim, a noção de imagem índice.”	I. Tratamento da informação para serviços de informação	IB. Análise de conteúdo (indexação, resumos, classificação)
			IE. Representação do conhecimento.
			IH. Sistemas de imagens.
AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significados. Informação & Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 01-13, 2002.	Permeia os conceitos e reflexões de signo, objeto e interpretante.	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo
			AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos
		B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
MOURA, Maria Aparecida; SILVA, Ana Paula; AMORIM, Valéria Ramos. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. Informação &	Permeia os conceitos e reflexões da semiótica, analisando a filosofia peirceana, e selecionando as "categorias" úteis às atividades de representação da informação e indexação. As categorias	A. Aspectos teóricos e gerais de bibliotecas e informação	AA. Biblioteconomia e Ciência da Informação (CI) como um campo
			AC. Relacionamento da Biblioteconomia e CI com outros campos. IB. Análise de conteúdo (indexação, resumos, classificação)

Sociedade: Estudos, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 217-251, 2002.	selecionadas foram: semiose, signo, interpretante e observação colateral.	I. Tratamento da informação para serviços de informação	IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas
GOMES, Henriette Ferreira. O ambiente informacional e suas tecnologias na construção dos sentidos e significados. Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 1, p. 61-70, jan./abr. 2000.	Permeia os conceitos e reflexões de signo, objeto e interpretante, apontando suas relevâncias para a construção e representação do conhecimento. Aponta os termos <i>Lebenswelt</i> (mundo da vida) e <i>innenwelt</i> (mundo interior).	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
			BC. Informação na sociedade.
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
		L. Tecnologia da informação e tecnologia de biblioteca	LZ. Nenhum destes, mas nesta seção. (tecnologias da informação de modo geral)
PINTO, Julio. Semiótica e informação. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 87-92, jan./jun. 1996.	Permeia os conceitos e reflexões de primeiridade, secundidade, terceiridade. Aponta os termos <i>Lebenswelt</i> (mundo da vida) e <i>innenwelt</i> (mundo interior).	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento
CAUDURO, Flávio Vinicius. Em falibilismo de Peirce. Revista de Biblioteconomia & Comunicação, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 121-128, 1994.	Permeia os conceitos e reflexões de signo, objeto e interpretante, e faz comentário sobre como Peirce percebe a participação do sujeito na significação, mostrando como essas noções são relevantes para o movimento pós-estruturalista contemporâneo.	I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento



LARA, Marilda Lopes Ginez de. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. Ciência da Informação, Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices, símbolos, dicissigno, rema e argumento.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IC. Linguagens de indexação, processos e esquemas IE. Representação do conhecimento
SOUZA, Lícia Soares de. Elementos para uma sociossemiótica do audiovisual. Revista de Biblioteconomia & Comunicação, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 165-180, 1990.	Permeia os conceitos e reflexões das relações dos signos como ícones, índices, símbolos e dicissigno.	B. Uso da informação e sociologia da informação	BA. Uso e impacto da informação
		H. Fontes de informação, suportes e canais	HH. Audiovisual, Multimídia
		I. Tratamento da informação para serviços de informação	IE. Representação do conhecimento